

REVISTA

# MAGISTRAS 3

Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 3ª Região

25ª EDIÇÃO | 2º SEMESTRE 2024

## O NOVO SEMPRE VEM



Vamos conhecer diferentes histórias de alguns dos novos juízes e juízas recém-empossados, que refletem parte do presente e do futuro da Magistratura do Trabalho em Minas Gerais.

### E mais

**Ministro Fabrício Gonçalves**  
da Brasília original à Brasília Capital

**Pelo Interior**  
Uberaba



# SUMÁRIO

## LEIA NOSSA REVISTA DE FORMA INTERATIVA

Clique no número das páginas do sumário para ir direto ao assunto.

Clique no ícone  do cabeçalho para voltar ao sumário.



O NOVO SEMPRE VEM

**06**



ENTREVISTA COM MINISTRO FABRÍCIO GONÇALVES

**12**



23º EMAT

**30**

Editorial	<b>3</b>
Amatra3 em Ação	<b>5</b>
O Novo Sempre Vem	<b>6</b>
Entrevista com Ministro Fabrício Gonçalves	<b>12</b>
Pelo Interior	<b>20</b>
Posses no TRT3	<b>24</b>
TJC	<b>28</b>
23º EMAT	<b>30</b>
Notícias do TRT	<b>33</b>
Ordem do Mérito Judiciário	<b>36</b>
Homenagem aos Aposentados	<b>37</b>
Homenagem Póstuma	<b>38</b>
Bate-Bola: Adriano Marco Soriano Lopes e Solainy Beltrão dos Santos	<b>39</b>
Lançamento de Livro	<b>41</b>
Eu Indico - Turismo	<b>42</b>
Informatize-se	<b>45</b>
Fala, Associado	<b>47</b>
Além dos Autos	<b>49</b>
Galeria de Fotos	<b>50</b>

# EXPEDIENTE

A Revista Amatra3 é uma publicação semestral da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 3ª Região – Amatra3

## DIRETORIA

### Presidente:

Anaximandra Kátia Abreu Oliveira

### Vice-Presidente:

Washington Timóteo Teixeira Neto

### Diretor Administrativo-Financeiro:

Fabiano de Abreu Pfeilsticker

### Diretor Cultural:

Geraldo Magela Melo

### Diretora Social e Esportiva:

Ana Carolina Simões Silveira

### Diretora de Comunicação Social:

Carolina Silva Silvino Assunção

### Diretora de Assuntos Jurídicos e Legislativos:

Vaneli Cristine Silva de Mattos

### Diretor de Magistrados Substitutos:

Ronaldo Antônio de Brito Júnior

### Diretora de Magistrados Aposentados e Pensionistas:

Ana Maria Espi Cavalcanti

### CDEP (Conselho de Disciplina, Ética e Prerrogativas):

Henrique de Souza Mota, Liza Maria Cordeiro, Priscila

Rajão Cota Pacheco

### Conselho Fiscal:

Lenício Lemos Pimentel, Nelson Henrique Rezende

Pereira, Rafaela Campos Alves

### Comunicação:

**Jornalistas Responsáveis:** Tatiana Lima – 0009518/MG

Cláudio Guimarães – 0006281/MG

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Simone Cordeiro

**Marketing:** Leo Anchieta

**Revisora:** Fernanda Gonzaga

**Fotografia:** ACS Amatra3



# EDITORIAL



**Carolina Silva Silvino Assunção**  
Diretora de Comunicação Social

Prezados associados,

Com esta revista, encerramos 2024, ano marcado por verdadeira renovação da Magistratura do Trabalho mineira. Recebemos 30 novos juízes, oriundos do II Concurso Nacional, e outros 13 colegas, que vieram de remoção de outros Tribunais Regionais. Passamos, também, a ter um novo representante mineiro no Tribunal Superior do Trabalho: o Ministro Antônio Fabrício Gonçalves.

Nesta edição, os colegas terão a oportunidade de conhecer melhor a história de vida de alguns dos novos representantes da Justiça do Trabalho mineira a partir da matéria especial feita com 5 dos 30 novos juízes e com a entrevista exclusiva concedida pelo Ministro Antônio Fabrício à AMATRA3.

Além disso, a Presidente Anaximandra Abreu destaca todas as atividades associativas que mais marcaram o segundo semestre de 2024.

No nosso giro pelo interior, visitamos os colegas da querida Uberaba, que relataram todas as particularidades e os desafios de ser juiz em um interior que fica significativamente distante da capital.

Ressaltamos importantes eventos da associação, como o TJC (“Trabalho, Justiça e Cidadania”), projeto que transforma realidades em nosso Estado, e o EMAT, que, em 2024, foi realizado na cidade de Búzios e teve como enfoque principal qualidade de vida, felicidade e longevidade na Magistratura do Trabalho.

Relatamos a singela homenagem feita aos queridos associados aposentados, que muito já contribuíram não só para o nosso Tribunal, como também para a nossa associação. Os colegas desfrutaram de um jantar exclusivo, que contou com o espetáculo “Tangos e Boleros – Grandes Clássicos e suas Histórias”.

Como nunca podemos deixar de honrar os que nos antecederam, prestamos homenagem póstuma ao juiz togado e aposentado Gabriel de Freitas Mendes, que nos deixou em setembro.

Solainy Beltrão dos Santos e Adriano Marco Soriano Lopes nos apresentam o livro “Sentença Trabalhista – descortinando a teoria e facilitando a prática”, obra que muito pode contribuir com o desempenho dos nossos gabinetes.

Walace Heleno traz toda a sua experiência turística em Marrocos e nos encoraja a conhecer esse deslumbrante país.

Fabiano Pfeilsticker nos ensina como armazenar nossas fotos sem ter que aposentar precocemente nossos celulares.

Henrique Macedo nos surpreende na coluna Fala, associado!, com o texto “Mar vermelho”.

Na coluna Além dos autos, André Schmidt de Brito relata como a pesca é um importante momento de relaxamento e desconexão.

Por fim, trazemos um resumo fotográfico dos eventos que mais marcaram este semestre.

Boa leitura a todos!



# AMATRA EM AÇÃO



**Anaximandra Kátia Abreu Oliveira**  
Presidente da Amatra3

Colegas,

Chegamos ao final de um ano de gestão, marcado por uma intensa e significativa atuação da nossa Associação, sempre com o intuito de garantir os direitos e a valorização da magistratura.

O segundo semestre foi produtivo, com diversas ações que impactaram positivamente nossa categoria e fortaleceram nossa união.

Entre as iniciativas realizadas, destacam-se o acompanhamento contínuo das questões remuneratórias, que envolveu a análise de grupos pontuais para recebimento da Gratificação de Exercício Cumulativo de Jurisdição (GECJ) e o reconhecimento e trâmites para recebimento do passivo do Adicional por Tempo de Serviço (ATS).

Requerida a alteração da base de cálculo da Licença Compensatória (LC), notadamente, em razão do tratamento isonômico, para inclusão da substituição de titular paga aos substitutos (verba de substituição) na base de cálculo da LC.

Além disso, diante do reconhecimento e da autorização para o pagamento da licença compensatória relativa ao período de janeiro a outubro de 2023, o que foi objeto de requerimentos específicos das associações nacional (Anamatra) e regional, continuamos o trabalho para a apuração dos elegíveis ao recebimento da diferença.

Outro marco foi a atuação em favor dos magistrados aposentados. A AMATRA3 formulou requerimentos na Administração do TRT3 para a manutenção dos benefícios do plano de assistência à saúde, abrangendo os planos de saúde Unimed-BH, TRTer Saúde e o programa de imunização, nas mesmas condições em que vinham sendo concedidos. Além disso, buscamos a inclusão de um magistrado aposentado no Subcomitê de Atenção Integral à Saúde, conforme estabelecido pela Resolução nº 207 do CNJ, para garantir a voz e a representatividade dos aposentados nas diretrizes relacionadas à saúde.

Na área social, realizamos o tradicional jantar de aposentados, que contou com uma belíssima apresentação de show de Tangos e Boleros, proporcionando momentos de lazer e confraternização. Além disso, foi concedido transporte gratuito aos aposentados para participação no Encontro de Magistrados Trabalhistas (EMAT), reforçando nosso compromisso com o bem-estar e a integração de todos os magistrados da nossa região.



Em relação à formação de novos juízes e juízas, a AMATRA3 formulou requerimento para pagamento da diferença de diárias para os juízes substitutos recém-empossados, permitindo sua participação no módulo nacional do 28º Curso de Formação Inicial (CFI), realizado em Brasília, de 12 de agosto a 6 de setembro de 2024.

Ainda em relação aos juízes substitutos, a Associação formulou requerimento à administração do TRT3, para que envide esforços no sentido de cumprir integralmente o supracitado §2º do artigo 12 da Resolução CNJ nº 219/2016 e Resolução Conjunta GP/GVCR n. 159/20 do TRT-MG e, em paralelo, até a sua integral implementação a todos os magistrados e magistradas de primeiro e segundo grau, a adoção de medidas alternativas em caráter emergencial e prioritário.

Foi também um ano de boas notícias em relação ao nosso quadro de magistrados. Recebemos 30 novos colegas por meio do 2º Concurso Público Nacional Unificado e 13 por remoção de outros tribunais. Embora com o quadro de juízes substitutos ainda deficitário, a chegada de novos colegas renova o ânimo e nos motiva a continuar trabalhando por uma Justiça mais eficiente e acessível. A AMATRA3 deseja a todos os novos colegas muito sucesso em suas carreiras e reitera o compromisso de estar ao lado de cada um de vocês em todos os momentos dessa jornada.

É impossível não se lembrar da motivação e da energia renovada que cada novo colega traz consigo. O entusiasmo de quem está começando a carreira nos inspira e nos recorda o início de nossa trajetória, repleta de desafios, mas também de grandes conquistas.

A Diretoria Executiva da AMATRA3 encerra o ano com a sensação de dever cumprido, agradecendo o apoio e a confiança de todos.

Desejamos a todos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo, com saúde, paz e sucesso em suas vidas pessoais e profissionais.

Que 2025 seja um ano ainda mais vitorioso para todos nós.

Abraços fraternos,

Anaximandra Abreu



# MATÉRIA ESPECIAL

## O NOVO SEMPRE VEM

A jornada até a magistratura é longa, repleta de desafios, renúncias e sonhos. Para cada um dos 30 novos juízes e juízas substitutos do TRT3, o caminho foi único, mas marcado por um objetivo comum: tornar-se membro do Poder Judiciário e auxiliar na promoção de uma justiça social, acessível e humana. Cada história, uma inspiração. Nesta edição, conhecemos as histórias de alguns desses novos recém-empossados, que refletem parte do presente e do futuro da Justiça do Trabalho em Minas Gerais.

Arquivo pessoal



### Determinação e Resiliência: O caminho de Manuela Charpinel

*Manuela Charpinel, agora juíza substituta, já conhecia o TRT mineiro antes de sua posse. Como servidora desde 2016, sua relação com a Justiça do Trabalho é marcada por aprendizado e paixão. “De alguma forma, eu sabia que, se fizesse minha parte e fosse resiliente, alcançaria minha meta”, conta. O sonho de ser juíza, que nasceu na infância, tornou-se realidade após anos de estudos intensos e superação de obstáculos, como a reprovação por 0,3 em sua primeira prova oral. Hoje, ela retorna ao TRT3 com o coração cheio de gratidão e a certeza de que sua missão está apenas começando.*

“Minha relação com o TRT mineiro já é antiga. Esse Tribunal já foi minha casa por mais de 6 anos, quando iniciei minha vida profissional como servidora, em 2016. Hoje, como magistrada, posso dizer que a felicidade é dupla: realizar um sonho profissional e voltar para um lugar que me fez tão feliz, e que solidificou meu amor pelo Direito do Trabalho.

O caminho não é fácil. Foi preciso abrir mão de muitos finais de semana, feriados e férias. Deixar de estar em muitos encontros familiares para estudar. Por vezes, meus pais me viram dormindo em cima dos livros, quando a exaustão e o cansaço me venciam, mas a determinação não me deixava parar.

Espero exercer minha função com a dignidade que o cargo exige, e, principalmente, contribuir com a justiça social, tão importante – e, por vezes, tão rara – nos dias atuais.

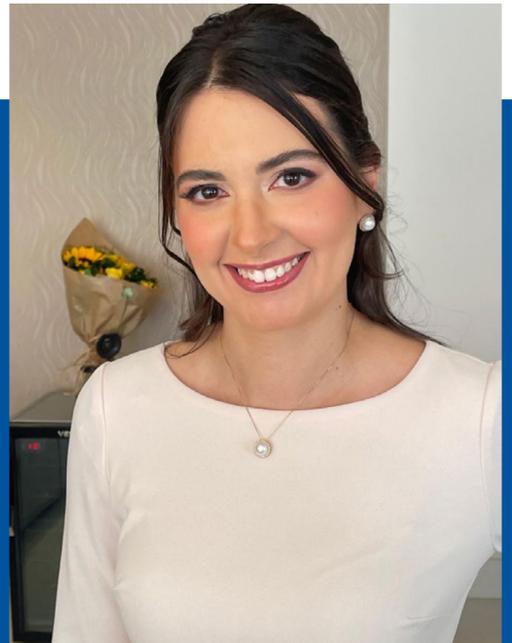
Posso dizer que a possibilidade de exercer esse cargo em um Tribunal de grande porte, que se preocupa com o bem-estar de cada membro, e que visa prestar uma atividade célere e de qualidade, é um verdadeiro presente.

Por fim, que grande alegria poder voltar ao TRT3 e contribuir com a prestação jurisdicional ao povo mineiro. Ou melhor, que grande alegria voltar para um lugar que eu posso, novamente, chamar de minha casa e que me permite realizar meu sonho em cada despacho, decisão e sentença, dia após dia.”

“ De alguma forma, eu sabia que, se fizesse minha parte e fosse resiliente, alcançaria minha meta. Manuela Charpinel ”

## Um sonho traçado: A história de Clarissa Barbosa de Oliveira

Arquivo pessoal



*Desde jovem, Clarissa Barbosa foi incentivada por sua família a perseguir seus objetivos. Seu avô, Francisco, grifava concursos no jornal, acreditando no potencial da neta. Trabalhando como técnica judiciária no TRT-3 desde 2012, Clarissa teve mentoras que moldaram sua visão sobre o Direito do Trabalho. Após muitas provas, frustrações e conquistas, a magistrada celebra não apenas sua posse, mas também o acolhimento em Araxá. “Tudo acontece na hora certa”, diz, com gratidão e entusiasmo por sua nova etapa profissional.*

“Tive a oportunidade de ser estagiária da Dra. Renata Lopes Vale, na 27ª VT/BH. Nesse período, pude assistir às minhas primeiras audiências e me encantei com o Direito do Trabalho, nascendo o sonho de ser juíza do trabalho. Meu avô Francisco (*in memoriam*) foi um grande incentivador desse sonho e grifava no jornal Estado de Minas todos os concursos que achava que seriam interessantes pra mim.

Depois da minha formatura no Curso de Direito, foram muitas e muitas provas, conciliando os estudos e o trabalho. Em 2016, fui trabalhar na Segunda Instância como assistente da Desembargadora Maria Lúcia Cardoso de Magalhães. Também tive o privilégio de ser convidada pela Ilustre Desembargadora para assumir o cargo de assessora em 2022. Finalmente, em junho/2024, saiu o resultado da minha tão sonhada aprovação no cargo de Juíza do Trabalho. Nem nos meus melhores sonhos conseguiria imaginar que ficaria na última vaga destinada ao meu querido Estado de Minas Gerais, com lotação na acolhedora cidade de Araxá! Tenho convicção de que precisamos ter fé nos planos de Deus, pois tudo acontece na hora certa!

No curso de formação, tive a honra de ter como mentoras as magistradas que me deram as primeiras oportunidades na JT, as queridas Dra. Silene e Dra. Renata. E, coincidentemente, realizei minhas primeiras audiências na 40ª VT/BH acompanhada pela Dra. Renata.

Agora começa uma nova fase, de muito trabalho e grandes desafios, mas meu sentimento é de enorme gratidão ao TRT/MG, no qual trabalhei por mais de 12 anos como servidora, e à equipe de Araxá, que me acolheu com tanto carinho! Espero contribuir para esse TRT3, agora como magistrada, na missão de concretização da justiça social, com responsabilidade, sensibilidade e humanidade. Quanta felicidade e gratidão!”

**“ Tenho convicção de que precisamos ter fé nos planos de Deus, pois tudo acontece na hora certa! ”**

Clarissa Barbosa de Oliveira



Arquivo pessoal



## A gratidão de Kleverton de Paula Junior: Uma jornada que começou antes de seu nascimento

*Kleverton atribui sua existência também à Justiça do Trabalho. “Minha mãe foi dispensada durante a gravidez, mas um juiz em Coronel Fabriciano determinou sua reintegração. Talvez eu não estivesse aqui sem essa decisão.” Com uma trajetória marcada por mentores e uma determinação inabalável, ele encara a magistratura como uma oportunidade de devolver à sociedade a proteção que um dia recebeu.*

“Minha história com a Justiça do Trabalho começou em 1997, no momento em que minha mãe descobriu que estava grávida e, de forma surpreendente, foi dispensada do trabalho. Meus pais precisavam muito do salário e do plano de saúde e, na primeira audiência, o juiz em Coronel Fabriciano (do qual sonho descobrir o nome) restabeleceu o plano e mandou reintegrar. Como era uma gravidez de risco, talvez eu não estivesse nesse mundo sem essa decisão. Muita gratidão ao colega que possibilitou toda essa jornada!

Já na faculdade, sempre tive aquela paixão especial pelo Direito do Trabalho e tive muita sorte em conseguir fazer estágio na Justiça do Trabalho, o que me fez ter certeza de que esse é um dos motivos da minha passagem nesse mundo e um dos grandes sonhos da minha vida (o principal ainda é casar). Nos últimos semestres da faculdade, comecei a estudar para técnico/analista, mas o sonho da magistratura era bem distante, até o momento em que conheci o Juiz Vinícius Rezende (TRT2), o melhor professor/amigo que tive na vida.

A partir desse encontro, comecei a focar o concurso nacional da magistratura e estudei por volta de 6 anos até a realização desse sonho incrível (até hoje me pego pensando se tudo isso é real). Nessa trajetória, tive várias reprovações em simulados, noites de sono sem dormir, o período de pandemia e outras dificuldades que alimentaram o meu amor e a minha vontade de estar aqui hoje. Nem vou mencionar o período da prova oral, nunca senti tanto medo na vida, me lembro até hoje do Ministro Luiz Philippe Vieira de Mello pedindo, com frequência, para ficar calmo e tomar o bendito copo d’água.

É fundamental destacar a minha gratidão, amor e admiração pela Juíza Camila Franco Lisboa Coelho (TRT2), que foi essencial na minha preparação, principalmente nessa última etapa do concurso. Existem pessoas que transformam nossa vida com um olhar, uma palavra ou simplesmente um gesto de amor e a Prof. Camila é essa pessoa na minha vida. Tomar posse no TRT3, ao lado dos 29 colegas do segundo concurso nacional, foi/é um sonho realizado! Confesso que ainda tenho um friozinho ao começar uma audiência ou assinar despachos/sentenças até hoje.

A adaptação após a regionalização e minha ida para Governador Valadares têm sido um recomeço bem especial. A simplicidade e os desafios do interior mineiro me fazem lembrar da origem da minha família e do nosso papel nesse mundo, no sentido de que podemos fazer a diferença na vida das pessoas, com o nosso

trabalho ou apenas cumprimentando os moradores e valorizando cada região que temos o privilégio de conhecer.”

“ **Podemos fazer a diferença na vida das pessoas, com o nosso trabalho.** Kleverson de Paula Junior ”

### Superação e inspiração: A trajetória de Josiane Alves

Arquivo pessoal



*Josiane Alves é a prova viva de que determinação e apoio coletivo podem transformar realidades. Mulher negra, nascida na periferia de Porto Alegre, trabalhou desde os 12 anos e nunca imaginou que um dia se tornaria juíza. Uma bolsa de estudos em 2019 abriu portas, mas desafios como a perda de sua casa em uma enchente, dias antes da prova oral, quase comprometeram seus planos. “A ajuda de pessoas incríveis foi fundamental”, conta. Hoje, em Minas Gerais, Josiane vive um recomeço e carrega consigo a responsabilidade de representar e lutar por maior inclusão na Justiça.*

“Sou Josiane Alves, uma mulher negra, de 38 anos. Eu nasci na periferia de Porto Alegre/RS, comecei a trabalhar cedo. Aos 12 anos, eu já ia aos finais de semana trabalhar na cozinha de um clube na minha cidade com a minha mãe e uma prima. Eu sempre gostei de estudar e sempre soube que apenas estudando eu poderia ter a chance de mudar a minha realidade. Mas nunca sonhei em ser juíza, nunca imaginei que seria possível.

Eu cursei direito e fui advogar. Logo depois de formada, eu trabalhei no departamento jurídico de uma empresa que me despediu no dia em que eu voltei da minha licença-maternidade. Foi quando resolvi estudar para concursos. Mas ainda não sonhava com a magistratura, eu queria apenas um cargo que me possibilitasse trabalhar e ser mãe. Em 2019, fui contemplada com uma bolsa de estudos em um curso preparatório para concursos por meio de um projeto do IAJ - Instituto de Acesso à Justiça, uma ONG de Porto Alegre que tem como missão tentar democratizar e colorir as carreiras jurídicas e concede bolsas a estudantes negros e indígenas. Eu fiz o curso em 2019 e, em 2020, fiz o concurso do TJ do RS para o cargo de Oficial de Justiça e passei. Tomei posse em 2021.

Como bolsista no IAJ, eu conheci pessoas incríveis, outros negros e negras formados em direito que perseguiam o sonho de passar em concursos de magistratura, Ministério Público, etc. Foi no IAJ também que eu conheci pessoalmente uma magistrada negra, mulher incrível, uma potência, chamada Karen Luise de Souza, hoje auxiliar na presidência do CNJ, que me inspirou muito. Em 2022, comecei a pensar em fazer outro concurso, comecei a pensar nas carreiras jurídicas de ‘topo’ e voltei a estudar, inicialmente focada na Defensoria Pública Estadual. Em fevereiro de 2023, recebi no grupo de bolsistas do IAJ o edital do II CNU, que havia sido publicado em janeiro/2023. Naquele momento, eu decidi que ia estudar para esse concurso.

Eu que já havia sido advogada trabalhista logo depois de formada, retornei às origens e comecei a estudar para esse concurso. Deu certo ter mudado de direção.



**“ A aprovação no concurso não nos torna juízes imediatamente; é preciso aprender a ser juiz todos os dias e eu estou feliz com esse caminhar. ”** Josiane Alves

Eu tive muito apoio, de muita gente. Além do meu marido e dos meus filhos, que seguraram a minha ausência em 1 ano e meio de duração do concurso, tive ajuda de juízes e juízas que hoje tenho a honra e o privilégio de chamar de colegas, com material, dicas, aulas...

Em maio deste ano eu, meu marido e meus dois filhos tivemos de sair da nossa casa, em Canoas, em virtude das enchentes. Perdemos tudo que tínhamos dentro de casa e tivemos que ficar na casa de amigos e parentes por muito tempo. A enchente aconteceu menos de duas semanas antes da minha prova oral. Mais uma vez, fui abençoada com muita ajuda. Amigos, professores, colegas de concurso, fizeram vaquinha para me ajudar. Recebi doações de roupas, livros, enfim, tudo que eu precisava para poder fazer a prova eu recebi de pessoas que eu nem conhecia. Vir para Minas depois da aprovação foi realizar outro sonho. O TRT3 sempre foi a minha primeira opção, é um Estado lindo, de gente acolhedora e boa comida e, depois de tudo que passamos, é realmente uma virada de chave sair do Rio Grande do Sul logo após um evento tão traumático, mudar de Estado, de profissão, de vida. No momento, minha maior expectativa é aprender. Tenho aprendido muito nas salas de audiência, no contato com partes, advogados e servidores, sei que tenho muito a desenvolver ainda. A aprovação no concurso não nos torna juízes imediatamente; é preciso aprender a ser juiz todos os dias e eu estou feliz com esse caminhar.”

### O coletivo e o futuro: A perspectiva de Fernanda Nigri

*Fernanda Nigri destaca a diversidade de histórias entre os novos magistrados: “Somos de diferentes origens, mas compartilhamos a coragem e o ideal comum de promover justiça social”. Após 17 anos de advocacia e docência, ela encontrou no TRT3 seu espaço de pertencimento. Inspirada pela força coletiva e pela responsabilidade do cargo, Fernanda deseja continuar aprendendo e honrando as histórias que a trouxeram até aqui.*

Arquivo pessoal



“30 novas juízas e juízes do trabalho substitutos no Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. 30 histórias. Caminhos tão diferentes, mas com tanto em comum. Somos de Minas, de Brasília, de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro e, agora, somos todos daqui... Muitas histórias que começaram muito antes de sermos todos das Minas Gerais... Dedicção, trabalho, persistência, coragem... Muitas 24 horas de ansiedade e de incertezas. Enfrentamos desafios nas trajetórias como servidores, advogados, professores, mas também ao longo do concurso, tão desafiador, mas que também nos tornou mais fortes para continuar buscando o ideal comum que nos trouxe até aqui: a esperança de poder atuar para construir um mundo melhor.



Somos 25 mulheres e 5 homens, ainda sem a diversidade representativa do nosso povo brasileiro, mas trazendo a inquietude e a preocupação em face da desigualdade social, da discriminação, da exploração do trabalho sem observância do patamar civilizatório mínimo necessário para resguardar a dignidade da pessoa humana.

Em que pese sermos um grupo tão heterogêneo, talvez seja esse o ponto de interseção entre todas as nossas histórias...

Aqui, conto um pouco da minha para reverenciar a cada um dos novos colegas.

No nono ano da Faculdade de Direito na Faculdade Milton Campos, ainda sem saber se tinha escolhido o curso certo entre as outras opções (ciências biológicas e relações internacionais), fui aluna do professor Carlos Augusto Junqueira Henrique, na disciplina Prática Trabalhista. O desafio foi tamanho que me descobri monitora no 10º período, sob a coordenação da querida Gabriela Delgado, e nunca mais deixei a faculdade, que me tornou advogada, professora e, agora, juíza do trabalho.

Assim que me formei, tive o privilégio de começar a trabalhar no Núcleo de Assistência Judiciária da Faculdade e de continuar aprendendo com grandes juristas, que me acolheram e tanto me inspiraram até hoje e por quem tenho gratidão sem tamanho: Carlos Henrique, Carlos Cruz, Paula Cantelli, Marcelo Pertence, Pedro Gelape e Laura Tostes.

Foram 17 anos atuando na advocacia e como professora, nos cursos de graduação, especialização e dos cursos preparatórios para o Exame da OAB, entremeados pelo mestrado e o doutorado na PUC Minas, que me trouxeram até aqui, quase como o fluxo de um rio. E mesmo sem esperar nem planejar, o sentimento é de pertencer. De fazer parte desse novo lugar.

Afora as dificuldades de buscar conciliar a maternidade, todo o trabalho de cuidado ainda inerente ao fato de ser mulher, a vida profissional já estabelecida e o concurso, não enfrentei o preconceito racial nem etário como alguns colegas de concurso; não tive que superar calamidades naturais para conseguir me preparar e ir fazer a prova oral; não passei pelos desafios da maternidade e da paternidade na fase de prova oral do concurso; mas experimentar tudo isso com cada um é motivo de enorme orgulho, fortalece e traz a responsabilidade de continuar buscando fazer o melhor possível para honrar a trajetória de luta de cada uma e de cada um.

Que continuemos no caminho de construção de nossa maturidade jurídica, que nos acompanhou ao longo concurso; e guiados pelo aprendizado e luta diários para continuarmos buscando o ideal comum que nos trouxe até aqui: a defesa justiça social."

### **Uma Magistratura que inspira**

Os novos juízes do TRT3 são exemplos vivos de que a Justiça do Trabalho é feita de pessoas que acreditam no poder transformador do Direito. Suas histórias não apenas inspiram, mas também fortalecem a convicção de que, com trabalho, resiliência e humanidade, é possível construir uma sociedade mais justa.

Com suas trajetórias, eles não apenas refletem o futuro da magistratura, mas também o constroem. Que o caminho que escolheram trilhar seja guiado pelos princípios de igualdade, dignidade e justiça, pilares fundamentais da Justiça do Trabalho.

**“ Somos de diferentes origens, mas compartilhamos a coragem e o ideal comum de promover justiça social. ”**

Fernanda Nigri

# ENTREVISTA

**FABRÍCIO GONÇALVES**  
MINISTRO DO TST



## MINISTRO FABRÍCIO GONÇALVES: DA BRASÍLIA ORIGINAL À BRASÍLIA CAPITAL

*Veremos a trajetória do Ministro do TST que nasceu no ano em que o homem chegou à lua, numa cidade que valorizava e estimulava a educação. Fez parte de uma geração universitária, filha da Constituição Federal de 1988, que mudou a forma de pensar e enxergar a Justiça do Trabalho, com os movimentos classistas e a Emenda Constitucional 45.*

*Caminhou do movimento estudantil ao movimento associativo, foi o primeiro advogado trabalhista a chegar à presidência da OAB. Garantiu toda essa bagagem para hoje estar a mais de 150 dias no colegiado, seguindo o conselho do pai dentista.*

A Amatra3 recebeu, na sua sede, o recém-empossado Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Fabrício Gonçalves, em um bate-papo descontraído e cheio de ensinamentos que contam a trajetória de um advogado trabalhista com mais de 30 anos de carreira que alcançou com muito mérito o cargo de Ministro do Tribunal Pleno.

**(Amatra3)**

**Foi uma alegria enorme para todos da Magistratura do Trabalho mineira quando saiu a sua nomeação, tanto por representar Minas Gerais, quanto também por lembrarmos da sua atividade profissional na advocacia e em razão de alguns de nós também já terem sido alunos do senhor. Por toda a proporção da festividade que ocorreu em Brasília, quando da sua posse, ficou claro que tanto a magistratura quanto a advocacia também estão muito satisfeitas com a escolha do seu nome. O senhor tem a dimensão do quão querido é e o quão festejada foi a sua posse?**

**(Fabrício Gonçalves)**

Com relação à receptividade da magistratura, eu tive esse retorno de alguns colegas, sobretudo de um ex-diretor da Amatra3, o Dr. Nelson Henrique, e da presidente da Amatra3 em meu gabinete, sobre como foi recebido o meu nome pela magistratura. Por não ser carreira da magistratura, eu só podia ter esse sentimento se chegassem até mim essas informações. Chegaram e fiquei muito feliz pela acolhida do meu nome. Na advocacia, já tinha o pulsar. Foram 31 anos de advocacia, 26 anos e meio de docência, na graduação e nas pós-graduações em todo o estado, formando pessoas em Direito do Trabalho. Acredito que esse sentimento se dá por algumas coisas. A minha história é muito parecida com a história de 90% pessoas que saem do interior



e vão para a capital estudar, sem nenhum tipo de parente na área. Eu imagino que esse sentimento de acolhida tem a ver com a identificação por alguns. Há uma coerência no meu agir desde o início em termos de defesa do Direito do Trabalho e da Justiça do Trabalho. Esse sentimento também tem relação com o fato de que a origem geográfica de onde você nasce não pode e não deve limitar o local a que você vai chegar. Então, essa caminhada de advogado, que teve um escritório no Edifício Maletta e foi caminhando aos poucos, é a razão dessas palavras. Elas têm fundamento na trajetória com a qual várias pessoas se identificam e percebem que, ao caminhar com coerência, é possível chegar a um determinado ponto na carreira.

**“ Eu nasci no final dos anos 60; no mesmo ano em que o homem chegou à lua, eu cheguei à Terra. ”**

**(Amatra3)**

**Pode nos contar um pouco sobre a sua trajetória, desde Brasília de Minas, passando pela presidência da OAB, pelas Associações de Advogados Trabalhistas e pela docência, até chegar à sua posição atual?**

*Da origem à graduação*

(Fabrício Gonçalves)

Eu sou tão mineiro que tenho Minas no nome do Estado e no nome da cidade. Nasci em Brasília de Minas, que é uma cidade que se chamava Brasília, tem 130 anos e deu o nome à Capital Federal. A minha cidade, Brasília de Minas, é a primeira cidade do Brasil a se chamar Brasília. Quando o Presidente Juscelino construiu a Capital Federal, ele comunicou aos dirigentes e políticos que geriam a cidade e sugeriu que o nome da cidade fosse alterado de Brasília para Juscelândia ou Juscelinândia, em homenagem a si mesmo. E aí a população resistiu. Em seguida, em 1962, surgiu um decreto estabelecendo que duas cidades não podiam ter o mesmo nome no Brasil, e, então, a cidade passou a se chamar Brasília de Minas. É muito interessante: “de Brasília de Minas para Brasília”. Essa é a minha vida. Essa é a minha trajetória. Eu nasci no final dos anos 60; no mesmo ano em que o homem chegou à lua, eu cheguei à Terra. Minha infância foi muito rica, muito livre, mas, ao mesmo tempo, com uma criação rígida, de muito respeito às pessoas e uma cobrança muito grande pelo estudo. A minha cidade tem uma cultura de se estudar. Há muitos anos, foi realizada uma pesquisa por uma universidade do Rio Grande do Sul, e Brasília de Minas foi considerada uma das cidades do Brasil com o maior número de pessoas formadas em nível superior, embora não tivesse faculdade no local. Portanto, nasci nessa cidade que estimulava a educação. Era da cultura da cidade sair para estudar, pois a cidade era muito pequena. Hoje a cidade tem 35 mil habitantes, mais ou menos. Imagina isso nos anos 70 /80, quando fui criado? Estudei em escola pública do pré-primário até a oitava série. Lá só existia escola pública, de muita qualidade. Fiz o segundo grau em Montes Claros para me preparar

para o vestibular, pois, na minha cidade, havia apenas cursos de magistério e contabilidade, com os quais não me identificava. Minha base, portanto, foi feita em escola pública. Prestei vestibular e, enquanto cursava na Unimontes, fui chamado pela PUC e vim estudar em Belo Horizonte.



### *Da graduação aos primeiros passos no Direito do Trabalho*

Eu entro na faculdade nos anos 80. Sou filho da Constituição. Eu estudei, fui aluno de Direito Constitucional da professora Carmem Lúcia, Ministra do Supremo Tribunal Federal (STF), e tive a alegria de poder tê-la visto chegar com o Diário Oficial e dizer que a Constituição será assim. Sou da geração que foi para a rua para os comícios das “Diretas Já” e assinou Emenda Popular para Constituição de 1988. Se for resgatar as assinaturas, participei daquele momento na Praça Sete, em Belo Horizonte, nas banquinhas para coleta de assinaturas, e na Praça Doutor Carlos, em Montes Claros. Recentemente, conversei com a professora Carmem Lúcia lembrando-a de que estudamos a Constituição de 1988 no Diário Oficial. Logo, minha geração é filha da Constituição e temos muita consciência disso. Assim, fui para universidade, formei-me dentro do movimento estudantil, virei o presidente do diretório acadêmico, sucedendo Nelson Henrique, que foi diretor da Amatra3, e toda essa formação foi fundamental depois para a minha caminhada. Começo a advogar em Belo Horizonte e, como disse anteriormente, não retornei para minha cidade natal. Fiz estágio na área trabalhista, no Sindicato dos Médicos, Sinpro e no Sintappi. É engraçado que eu entrei na faculdade para ser Promotor de Justiça, com certeza absoluta. Todavia, no 9º período, eu peço estágio na área trabalhista e nunca mais falei em ser Promotor de Justiça. Formei-me e permaneci na área trabalhista.

**“ Na minha concepção, alguns pontos fizeram com que o Direito do Trabalho mudasse de posição: o fim da representação classista e a Emenda Constitucional nº 45/2004. ”**

### *A transformação do Direito do Trabalho*

Nesse tempo, a visão que se tinha da área trabalhista era muito inferior ao que se tem hoje. Eu fui a única pessoa da minha turma da faculdade que foi para área trabalhista. A área trabalhista era tratada com muito desprezo e, comumente, eram utilizadas expressões pejorativas para se falar do Direito do Trabalho. Tenho a alegria de ter sido da geração que viu isso mudar e, de certa forma, participei



dessa mudança. Na minha concepção, alguns pontos fizeram com que o Direito do Trabalho mudasse de posição: o fim da representação classista e a Emenda Constitucional nº 45/2004.

Aqui em Minas, vimos o Direito do Trabalho, em pouco tempo, se tornar a disciplina com o maior número de pessoas querendo fazer monografia no final do curso, a mais procurada no exame de Ordem. A doutrina muda, abre-se o mestrado, e Minas Gerais, especialmente Belo Horizonte, passa a ser um local interessantíssimo para Congressos e Seminários na área trabalhista com 1.200 a 1.500 pessoas. Também muda o interesse das pessoas em buscar fazer pós-graduação. Muda de lugar, muda de importância, pelo menos na compreensão das pessoas. Traço esse panorama para dizer que nem sempre foi assim. Com a mudança de paradigma, as pessoas se formavam e queriam fazer concurso para juiz do trabalho, se formavam e queriam seguir para a área trabalhista. Advogados e escritórios tradicionais de Belo Horizonte não tinham a área trabalhista, mas passaram a abri-la porque algumas empresas só contratariam se houvesse essa especialização. Então, eu vi, tive o privilégio de ver o Direito do Trabalho sair daquele lugar e chegar ao patamar em que está hoje.

**(Amatra3)**

**E foi nesse período mesmo que o senhor entrou na docência?**

Um dos motivos que me fizeram ficar em Belo Horizonte e não voltar para o interior de Minas, para o norte de Minas, foi exatamente a vontade de lecionar. E hoje nós temos muitos mestrados, pós-graduações, mas isso também não era uma realidade. Eu tenho muita alegria de ter muitos ex-alunos na área de Direito do Trabalho. Eu me sinto muito feliz em lecionar em Direito do Trabalho. Talvez tenha levado algumas pessoas a pensar em trabalhar com o Direito do Trabalho, e esse retorno que recebo, quando me dizem, talvez seja o momento mais feliz da minha carreira. A pessoa dizer 'eu vim para essa área por ter sido seu aluno'... Isso, para mim, já faz valer a pena toda essa caminhada.

**“ Mas o que a OAB deixou em mim e o que a OAB trouxe para minha atual função na magistratura foi me ensinar a estar em colegiado. Isso foi uma preparação para trabalhar em colegiado. ”**

**(Amatra3)**

**A posição na OAB/MG como presidente foi muito significativa. O que levou o senhor a tomar frente dessa função associativa? Sabemos que traz diversas dificuldades diferentes da lida diária do próprio advogado. Quais os aprendizados, os desafios a OAB deixou de lição nessa trajetória?**

(Fabrício Gonçalves)

Voltando exatamente na questão do desprestígio da área trabalhista, quando eu



assumi a presidência da Ordem, a OAB tinha mais de 80 anos em Minas Gerais e eu fui o primeiro advogado trabalhista a presidi-la. Logo percebe-se que os advogados trabalhistas tinham muito pouco espaço. Outros dirigentes conseguiram chegar à diretoria da Ordem, como, por exemplo, o Professor José Cabral, que é um advogado de referência, dá nome à medalha da Amat e advogou até os 95 anos fazendo sustentação oral no Tribunal. Talvez seja o registro mais longevo de um profissional do direito atuando como advogado em Minas, chegando à vice-presidência da Ordem. Todavia, a possibilidade de alguém da área trabalhista ser presidente aconteceu comigo em 2015, na minha eleição no mandato de 2016 a 2018. Antes de ser presidente da OAB, eu fui diretor da Amat, da Associação Mineira de Advogados Trabalhistas (AMAT) e Presidente da Associação Brasileira de Advogados Trabalhistas (ABRAT), também sendo o primeiro mineiro.

Mas o que a OAB deixou em mim e o que a OAB trouxe para minha atual função na magistratura foi me ensinar a estar em colegiado. Isso foi uma preparação para trabalhar em colegiado. Essa formação institucional, além de todas as outras, de ter ouvido muito advocacia, de saber das dores, das angústias dos advogados, das questões mais pulsantes, isso tudo trouxe em mim e vai seguir na minha atuação como magistrado e constitui a linha de pensamento quando vou, por exemplo, analisar uma questão de ampla defesa. Contudo, talvez a maior marca seja a colegialidade, de trabalhar em colegiado, pautar determinadas questões, com posição clara sobre aquelas questões, mas, quando vai para o plenário, às vezes é vencida e às vezes é vitoriosa.

Portanto, é o que eu levo do período na OAB, como o aspecto mais forte para a atuação que passo a ter no plenário, ciente da responsabilidade que é ocupar uma cadeira no Tribunal Superior do Trabalho.

Cláudio Guimarães/Divulgação



**“ porque se chamavam homens (e eu falo homens e mulheres), também se chamavam sonhos, e sonhos não envelhecem”, que é como se deu a construção da candidatura para o quinto constitucional. ”**

**(Amatra3)**

**Um momento emocionante da posse festiva foi a música do Clube da Esquina, a música de Milton Nascimento, que fala que os sonhos não envelhecem. Eu não sei se foi coincidência. É uma música que tem uma questão da época da ditadura muito presente, mas que também fala muito de esperança de novos tempos, de sonhos e o senhor comentou que a carreira da magistratura não era um sonho inicial. Esse sonho da magistratura surgiu em algum momento ou foram circunstâncias do acaso? Como foi esse caminho de passar de um advogado já tão consolidado na advocacia brasileira para uma função completamente diferente? Havia um sonho antigo, algo como propósito de vida por trás disso ou o senhor abraçou os novos tempos com muita esperança?**

(Fabrício Gonçalves)

Quando me disseram que eu não teria fala na posse, mas teríamos seis espaços para música, eu escolhi falar pela música por meio da produção do Clube da Esquina, tanto que os músicos convidados para tocar na posse foram Wagner Tiso e Toninho Horta. Cada música daquela tinha uma razão de ser e o Clube da Esquina II, “porque se chamavam homens (e eu falo homens e mulheres), também se chamavam sonhos, e sonhos não envelhecem”, que é como se deu a construção da candidatura para o quinto constitucional.

Nos anos entre 2007 e 2009, o Conselho Federal da OAB editou um provimento que dizia que quem fazia parte de quadros da Ordem não poderia se candidatar ao Quinto. Esse provimento continua valendo. Isso fez com que pessoas que tinham grande conhecimento da OAB ficassem fora do processo. Qual era a razão desse provimento? A razão desse provimento é que, em relação às pessoas de fora que viriam disputar, com quem estava na Ordem não teria paridade de armas, pois quem já estava dentro tinha mais facilidade e relações para ser escolhido na Sêxtupla. E eu, com isso, não podia nem dizer, nem falar de disputar o Quinto Constitucional porque eu estava nas funções da OAB, sobretudo nesse período. Eu fui para a OAB em 1998 como dirigente da Escola de Advocacia, depois Conselheiro suplente, Conselheiro titular, tesoureiro duas vezes, Presidente e Conselheiro Federal. Então, são nove gestões de que eu faço parte. Fui caminhando passo a passo ali, sendo preparado pelo caminhar mesmo, pela estrada, para outras funções. Mas meu pai, que era dentista, falava muito comigo que eu devia disputar o “Quíntuplo” (ele criou um neologismo, por não conhecer a linguagem técnica, que ele juntava a palavra Quinto Constitucional com a lista Sêxtupla). “Tem que disputar o “Quíntuplo”, filho.” E no meio das

Cláudio Guimarães/Divulgação





discussões profundas dentro da OAB sobre se esse provimento, veio a abertura da vaga no TST. Os dirigentes então passaram a discutir sobre quem deveria disputar a vaga oriunda do quinto: seriam aqueles que tivessem profundo conhecimento de Direito do Trabalho. Eu só fui eleito Conselheiro Federal, mas, no dia da posse, eu estava na UTI com Covid, por isso não tomei posse em primeiro de fevereiro. No dia 15 de março, que foi a posse formal, eu estava em cirurgia no coração em razão da Covid e também não empossei. Foi quando as pessoas vieram me procurar e falaram: nessa concepção de que nós temos que pensar nos bons quadros para disputar o quinto, nós entendemos que você seja uma pessoa que tem trajetória consistente, tem conhecimento em Direito do Trabalho. Meu pai tinha falecido há três meses e ressoava em mim a questão do conselho dele. Foi quando pela primeira vez eu pensei seriamente. Abordado pelo Felipe Santa Cruz em disputar o quinto constitucional e chamando-me à responsabilidade, dizendo: “Olha, o quinto não pode ser disputado por alguém que quer ingressar na magistratura para alcançar uma condição melhor do que a que tem hoje, ou por quem acha interessante disputar o quinto constitucional por alguma outra razão, mas não possui o conhecimento necessário sobre questões como a ampla defesa e os princípios do Direito do Trabalho.” Foi com esse chamado que eu trouxe essa questão para dentro de mim, com 30 anos de advocacia, comecei a me abrir a pensar em disputar.

**“ A gente escolhe um monte de coisa na vida e a vida escolhe um monte de outras coisas para gente que não tinha nenhuma correlação com o que a gente tinha pensado. ”**

**(Amatra3)**

**E o senhor já tinha uma história muito sólida como advogado trabalhista em Minas Gerais, no Brasil, com uma carreira já extremamente consolidada. E essa troca traz consequências, tanto profissionais, mas também de ordem pessoal. O senhor sentiu que a posição como Ministro do Tribunal Superior do Trabalho trouxe algumas limitações, até mesmo de liberdade?**

(Fabrício Gonçalves)

A partir do momento que eu entendi, que eu amadureci, introjetei o que era a minha caminhada para aquele ponto, não foi difícil, não. Foi um tempo de amadurecimento. Eu tenho uma frase que é: “A gente escolhe um monte de coisa na vida e a vida escolhe um monte de outras coisas para gente que não tinha nenhuma correlação com o que a gente tinha pensado”. Então, eu entendia que aquele momento era um momento de pensar e poder ordenar a minha carreira; se eu estava pronto ou não, era o tempo que iria me mostrar. Eu sentia pelo que eu tinha ouvido de pessoas extremamente conhecedoras do Poder Judiciário, da advocacia, do Ministério Público, do sistema de Justiça, que me achavam com possibilidades de poder ocupar. Sabendo do tamanho do desafio, eu fui. E hoje eu posso dizer o meu pai, onde ele estiver: “Pai, eu disputei o “Quíntuplo”!”



**(Amatra3)**

**Como a sua vivência na advocacia pode contribuir para o atual cargo, já que, muitas vezes, as restrições impostas pela magistratura nos fazem ficar um pouco mais equidistantes das partes em relação à perspectiva do advogado? O advogado tem muito mais proximidade com os problemas das partes do que nós, magistrados. Como a sua trajetória na advocacia pode trazer benefícios para o Tribunal Superior do Trabalho?**

(Fabrício Gonçalves)

No meu último ciclo na advocacia, fui levado a me capacitar novamente para entender algumas coisas. Durante 10 anos, atuei exclusivamente no segundo grau, no Tribunal Superior. Quando saí da OAB, voltei a atuar na 1ª instância. Eu trabalhei intensamente durante a pandemia, fazendo audiências, lidando com pedidos de tutela de urgência, despachos e viajando para o interior. Voltei à advocacia de primeiro grau, e isso foi fundamental para mim.

Acho que o mais importante, o fundamental, ou o que mais me moldou até aqui, é que tudo o que eu vi como exemplo a ser seguido ou evitado está absolutamente claro para mim e ainda muito recente. Tenho bons exemplos da magistratura, sobretudo no campo da ampla defesa, e posso levar esses exemplos para agir de forma diferente ou para solicitar o reposicionamento de uma decisão. Portanto, a advocacia está muito viva e pulsante em mim. Saí no momento em que estava no ponto de maior ebulição dos meus 31 anos de minha advocacia, para seguir para o Tribunal. Essa vivência de advogado tanto na primeira quanto na segunda instância, e o que vivenciei no Tribunal Superior, são as vivências que levo para cada processo.

Cláudio Guimarães/Divulgação



# PELO INTERIOR

## Uberaba

Amatra3/Divulgação



A magistratura trabalhista no interior carrega uma realidade única, marcada pela proximidade com a comunidade, desafios estruturais e o impacto de uma solidão. Durante uma mesa-redonda com juízes do Trabalho da região de Uberaba, diversos aspectos desse cotidiano foram analisados, revelando as nuances de uma atuação que exige criatividade, coleguismo, integração e um profundo compromisso com a Justiça.

### **Entre a proximidade e a complexidade**

Não foram todos que puderam traçar um paralelo entre a atuação na capital e a atuação no interior. Mas a experiência no interior traz uma percepção de uma proximidade maior com os advogados e com as partes. Para Vaneli Cristine Silva De Mattos, “As demandas, embora sejam tão complexas quanto na capital, acabam se tornando menos porque você sabe como é que as coisas vão ser conduzidas”. Essa relação mais próxima torna o dia a dia de trabalho mais previsível.

Por outro lado, um aspecto específico da cidade de Uberaba é para o cenário de conflitos e litígios mais acirrados. “Há uma cultura de contenda na região que precisa ser trabalhada”, ressalta Alexandre Chibante. É um aspecto que salta aos olhos dos magistrados e que é motivo de pauta para ser trabalhada alguma dinâmica para melhorar esse aspecto.

A carência de estrutura é uma realidade que pesa no trabalho dos juízes do interior. As dificuldades enfrentadas pela falta de recursos técnicos e humanos é um cenário que causa uma sensação de falta de segurança para o desenvolvimento do trabalho. “Se um computador quebra, temos que enviá-lo para Belo Horizonte.

“ O acesso é mais palpável aqui no interior se comparado à cidade grande. Uma pessoa chega, já encontra o juiz, já encontra o serviço de que precisa... É mais centralizado o acesso à justiça no interior.”



Muitas vezes, ficamos sem equipamentos. Não temos uma estrutura simples para nos assegurar em relação a isso”, reforça Alexandre Chibante.

Apesar de algumas dificuldades, os magistrados pontuam também que, no interior, o acesso à justiça é mais próximo. “O acesso é mais palpável aqui no interior se comparado à cidade grande. Uma pessoa chega, já encontra o juiz, já encontra o serviço de que precisa... É mais centralizado o acesso à justiça no interior”, pontua Josiane Luciana Pinto Sampaio sobre sua recém chegada à cidade.

### **Solidão: o isolamento social e profissional**

O isolamento é uma das marcas mais comentadas pelos magistrados do interior. O impacto da distância em relação aos colegas da capital, aos eventos, aos cursos e às atividades associativas. “Vivemos uma solidão no interior bem diferente. Na capital, por exemplo, existe um convívio social que aqui não temos. Não temos como nos deslocar”, reflete Melania Medeiros de Santos Vieira.

Em relação à vida associativa, também existe uma dificuldade de integrar e interagir. Os colegas ressaltam a presença atuante da juíza Vaneli, que realiza uma ponte importante, mas indicam que, sem ela, seria muito mais difícil. “Se tivesse uma questão regional, um colega regional, que pudesse, vez ou outra, fazer um giro e entender o que está acontecendo, seria um *link* com a associação. Pois existem demandas que são específicas do local”, sugere Alexandre Chibante.

### **Uma Justiça reconhecida e respeitada**

Apesar dos desafios, os juízes destacam o reconhecimento e o respeito pela Justiça do Trabalho na região. “A nossa agilidade é reconhecida por todos. Nós temos uma presença muito forte na cidade. Somos respeitados por toda a sociedade civil, mais de cinquenta entidades, Corpo de bombeiros, etc.”, afirma Alexandre Chibante.

Além de todo o escopo de trabalho, existe ainda uma ação, reconhecida pelos magistrados, especificamente do juiz Alexandre Chibante, de fazer uma ponte entre a Justiça do Trabalho e a sociedade e as instituições. Ele mantém esse



relacionamento, que é também importante para o respeito que a Justiça do Trabalho tem na região.

A interação com a comunidade local também foi elogiada. “A sociedade civil de Uberaba reconhece o papel da Justiça do Trabalho. Nossa presença é percebida, e isso nos dá um sentido de relevância, apesar das dificuldades”, finaliza Alexandre Chibante.

### **Gestão de pautas**

A gestão de pautas foi mencionada como um ponto crítico. Foi ressaltada a rotina pesada e a necessidade de administrar uma gestão de pauta muito criteriosa para manter os parâmetros acima e razoáveis em relação aos prazos. Unânime também é a preocupação com a quantidade de processos para sentenciar, que é muito expressiva, bem como a complexidade das demandas. “Estamos numa região que tem agronegócio e tem indústrias pesadas. Temos que entender bastante as convenções coletivas com detalhes. Temos que adequar essas questões às sentenças. É um lugar respeitoso, excelente de trabalhar, mas uma jurisdição que está sofrida. Sofremos recentemente com o sobrestamento. Tivemos em cada vara, de um dia para o outro, mais de 200 processos incluídos em pauta de instrução. Isso repercutiu muito nos efeitos da gestão de pauta e do número de sentenças a proferir”, observa Melania. Além disso, observamos que é uma região que está precisando de um apoio maior de juízes e juízes auxiliares fixos.

O processo virtual também foi exaltado pelos profissionais que o consideram interessante. Eles reforçam que a Justiça do Trabalho também abrange o entorno de Uberaba. E essa é uma questão sensível para quem precisa estar presencialmente. “Temos trabalhadores e pequenos empregadores que se deslocam de 80 km a 100 km. São pessoas pobres e esse deslocamento não é fácil para quem não tem recursos”, acentua Melania.

Quanto aos tipos de demandas, eles destacam uma curiosidade: “Temos aqui uma peculiaridade bastante interessante. O pessoal acredita que Uberaba teria mais demandas rurais de pequenos fazendeiros. E nós não temos isso aqui, pois temos agronegócio. A maioria das demandas são voltadas a eles e às indústrias pesadas”, ressaltou Melania, e Manuela afirma que essa foi uma das curiosidades que lhe saltou aos olhos quando chegou.

Entre a discussão da gestão de pautas, a saúde se torna um ponto crítico. O volume de audiências e sentenças proferidas por semana levaram o nosso colega Alexandre Chibante a adoecer. Ele resalta novamente a importância de reverter essa cultura do embate e da litigância por meio de conciliação e mediação. “Precisamos conscientizar os jovens que estão nos últimos períodos e os advogados da importância de se encontrar uma alternativa de paz ao processo”.

Essa preocupação também foi compartilhada pelos demais, que defenderam a necessidade de pautas bem planejadas para evitar o retrabalho e o desgaste.

**“ Estamos numa região que tem agronegócio e tem indústrias pesadas. Temos que entender bastante as convenções coletivas com detalhes. Temos que adequar essas questões às sentenças. ”**

Melania Medeiros de Santos Vieira



Amatra3/Divulgação



“Uberaba tem uma economia forte, é um parque industrial forte, uma cidade economicamente muito relevante, maior produtor de milho, maior produtor de soja e cana-de-açúcar e segundo maior produtor de café”, completaram Alexandre Chibante e Melania. E essa é uma preocupação geral para evitar os desgastes dos colegas servidores. “Precisamos de uma gestão criteriosa para manter a

secretaria, o gabinete e os servidores funcionando bem. Quebrar uma equipe é fácil, mas trazê-la de volta à eficiência é extremamente difícil”, ressaltou Vaneli.

Não há o que reclamar da estrutura física. O que demonstrou ser essencial aos juízes da jurisdição é a necessidade de um maior número de colegas auxiliares na região, o que possibilitaria um volume maior de assistentes no gabinete. Os colegas sugerem o compartilhamento de juízes e secretários de audiência e reafirmam que a medida não teria impacto estrutural, já que é possível autorizar o teletrabalho para essas situações.

### A voz do interior

Os magistrados discutiram propostas para melhorar a atuação no interior e fortalecer o vínculo com as associações e o Tribunal. Entre as sugestões, destacou-se a calendarização de reuniões com o representante regional da AMATRA3 para uma maior representatividade regional nas decisões institucionais.

Apesar de todas as dificuldades, o sentimento compartilhado pelos magistrados é de orgulho e resiliência. A mesa-redonda revelou um panorama profundo da realidade da magistratura no interior, destacando não apenas os desafios, mas também as conquistas e as ideias para um futuro mais equilibrado e eficiente. Com esforços conjuntos e uma escuta mais ativa das demandas regionais, é possível construir uma Justiça do Trabalho ainda mais forte e respeitada.

**“ Precisamos conscientizar os jovens que estão nos últimos períodos e os advogados da importância de se encontrar uma alternativa de paz ao processo. ”**

Alexandre Chibante

**SIGA A AMATRA3 NO INSTAGRAM**  
NOTÍCIAS, DICAS E ATUALIZAÇÕES  
CLIQUE AQUI



# POSSES NO TRT3

Amatra3/Divulgação



## 13 juízes são empossados por remoção.

No dia 12 de julho, chegaram ao TRT3 os magistrados vindos por meio do processo de remoção. São eles: Lucas Carvalho de Miranda Sá, Ricardo Henrique Botega de Mesquita, Eduardo Marques Vieira Araújo, Carlos Ney Pereira Gurgel, Leandro Wehdorn Ganem, Afrânio Rodrigues de Amorim Abras, Alexandre Moreira dos Santos Almeida, Luísa Azevedo Brugnoli Ribeiro, Gregory Ferreira Magalhães, Fernando Blos Sunara, Emanuel Barbosa de Moura, Marina Bretas Duarte Morais e João Paulo Rodrigues Reis. A AMATRA3 deseja a todos muito sucesso na nova casa!

## TRT-MG dá posse a 30 novos juízes substitutos, maioria mulheres

Na tarde de 26 de julho, o TRT-MG empossou 30 juízes substitutos, aprovados no II Concurso Nacional Unificado da Magistratura do Trabalho, promovido pelo CSJT. Destes, 25 são mulheres, evidenciando o avanço da representatividade feminina na Justiça do Trabalho.

A desembargadora Dra. Denise Alves Horta, presidente do TRT-MG, destacou a dedicação dos empossados e a responsabilidade que o cargo impõe. “O magistrado é guardião dos direitos sociais e fundamentais, representando o Estado Democrático”, afirmou.

A nova juíza Cecília da Rocha Coelho e Quintão Soares, primeira colocada no concurso, discursou em nome dos colegas, exaltando o compromisso de todos com a justiça



social e a honra de integrar um tribunal de referência no Direito do Trabalho.

A presidente da Amatra3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, marcou presença, reforçando o apoio aos novos magistrados. A solenidade emocionou familiares e amigos, celebrando um momento único para a magistratura mineira.

## **MAGISTRADOS(AS) – POSSE 26/07/2024 APROVADOS NO CONCURSO NACIONAL**

1. Fernanda da Rocha Teixeira
2. Cecília da Rocha Coelho e Quintão Soares
3. Eduardo Atalla Barletta
4. Fernanda Nigri Faria
5. Raquel Drummond de Andrade
6. Paula de Almeida Pires
7. Josiane Nunes Alves
8. Kleverton Glauber Figueiredo de Paula Junior
9. Nathália Carvalho Menezes
10. Manuela Valim Charpinel
11. Denoele Taissa Becker de Souza
12. Mayanna da Silva Santos Souza
13. Phelippe Henrique Cordeiro Garcia
14. Vivianne Oliveira de Andrade
15. Valéria Valim Mengue de Matos
16. Thallyta Ranyelle de Fátima Borges
17. Isabella Bechara de Lamounier Barbosa
18. Luciana Santini da Silva Pereira
19. Henrique Mussio Fornazier Volpini
20. Tarsila Vaz Ribeiro
21. Tiago José Gama Carvalho de Oliveira
22. Luiza Ribeiro Xavier
23. Carolina Neves Vieira
24. Josiane Luciana Pinto Sampaio
25. Priscila Andrade Cravero Guimarães
26. Amanda Alexandre Lopes
27. Ana Carolina Peretti Schlindwein
28. Cíntia Barbosa Vianna Peixoto
29. Lucienne Ferreira Oliveira Ventura
30. Clarissa Barbosa de Oliveira



## Posse de juízes promovidos e removidos reforça o TRT-MG

O Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região realizou, em 2 de agosto, a posse de oito juízes titulares removidos e quatro promovidos à primeira titularidade, em evento na sede do TRT-MG.

A cerimônia foi presidida pela desembargadora e presidente do Tribunal, Denise Alves Horta, que destacou o dinamismo da magistratura e a necessidade constante de aprimoramento. Ressaltou, ainda, a adesão do TRT-MG ao Pacto Nacional do Judiciário pela Linguagem Simples, incentivando magistrados a utilizarem comunicações mais acessíveis e eficientes.

Entre os presentes, estiveram o juiz auxiliar da Presidência, Renato de Paula Amado, e a presidente da Amatra3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, representando a magistratura mineira no prestigiado evento.

### Removidos

- Frederico Leopoldo Pereira, da 1ª Vara do de Alfenas para a VT de São João Del Rei
- Eliane Magalhães de Oliveira, da 2ª VT de Pouso Alegre para a 1ª VT de Poços de Caldas
- Maila Vanessa de Oliveira Costa, da 1ª VT de Varginha para a 1ª VT de Alfenas
- Fabrício Lima Silva, da 1ª VT de Passos para a 1ª VT de Varginha
- Keila de Oliveira Toledo e Veiga, da VT de Cataguases para a 2ª VT de Juiz de Fora
- Francisco José dos Santos Júnior, da VT de Patos de Minas para a 1ª VT de Passos
- Fábio Gonzaga de Carvalho, da 1ª VT de Pouso Alegre para a 2ª de Pouso Alegre
- Lenício Lemos Pimentel, da VT de Monte Azul para a VT de Cataguases

### Promovidos

- Ricardo Luís Oliveira Tupy para a 2ª VT de Varginha
- Liza Maria Cordeiro para 1ª Vara do Trabalho de Pouso Alegre
- Hadma Christina Murta Campos para a VT de Patos de Minas
- Luís Henrique Santiago Santos Rangel para a Vara do Trabalho de Monte Azul

## Sabrina de Faria Fróes Leão assume como desembargadora do TRT-MG

No dia 6 de agosto, a juíza Dra. Sabrina de Faria Fróes Leão tomou posse como desembargadora do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, em solenidade presidida pela desembargadora Dra. Denise Alves Horta e presidente do TRT3. Dra. Sabrina foi promovida por merecimento para vaga decorrente da aposentadoria do desembargador Paulo Roberto de Castro.



TRT3/DIVULGAÇÃO

A cerimônia destacou a representatividade feminina no Judiciário, ressaltando que, com a nova empossada, o TRT-MG passa a contar com 16 desembargadoras entre 49 magistrados. Dra. Denise Horta elogiou a experiência e o brilhantismo de Dra. Sabrina, afirmando que sua trajetória enriquecerá o Tribunal.

Em seu discurso, Dra. Sabrina reforçou seu compromisso com a justiça e abordou a necessidade de ampliar a equidade de gênero no Poder Judiciário. “Seguiremos avançando para valorizar e ampliar a participação feminina nos espaços de poder”, declarou.

A presidente da Amatra3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, esteve presente na solenidade, reforçando a importância do evento para a magistratura mineira.

## Posse do Ministro Antônio Fabrício Gonçalves no TST

Em 21 de agosto, o Plenário Ministro Arnaldo Süssekind, no TST, foi palco da posse de Antônio Fabrício Gonçalves como Ministro, ocupando vaga pelo quinto constitucional.

A cerimônia contou com a presença destacada da presidente da Amatra3, juíza Anaximandra Abreu, e do vice-presidente, Washington Teixeira, além da presidente do TRT-MG, desembargadora Denise Alves Horta. Magistrados mineiros e membros do Judiciário nacional prestigiaram o evento.

TST/DIVULGAÇÃO



## Posse da Nova Administração do TST

No dia 10 de outubro, o Tribunal Superior do Trabalho realizou a solenidade de posse de sua nova administração. O ministro Aloysio Corrêa da Veiga assumiu a Presidência do TST e do CSJT, enquanto os ministros Maurício Godinho Delgado e Luiz Philippe Vieira de Mello Filho assumiram, respectivamente, a Vice-Presidência e a Corregedoria-Geral da Justiça do Trabalho.

O evento contou com a presença da presidente da Amatra3, juíza Anaximandra Abreu, e da desembargadora Denise Alves Horta, presidente do TRT-MG, além de diversos magistrados mineiros.

TST/DIVULGAÇÃO



# TJC

## TRABALHO, JUSTIÇA E CIDADANIA: TRANSFORMANDO REALIDADES EM MINAS GERAIS

Texto gentilmente escrito pela juíza Paola Barbosa de Melo

TRT3/DIVULGAÇÃO



Em 2024, são celebrados os 20 anos do Programa Trabalho, Justiça e Cidadania - TJC. Criado pela Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho - ANAMATRA e desenvolvido em Minas Gerais pela AMATRA3, o programa contou, neste ano, com a parceria da Belgo Arames e da Secretaria de Educação de Vespasiano, o que possibilitou a participação de 10 escolas municipais.

Com o tema TJC: 20 anos semeando paz social, trabalho decente e inclusão, foram abordadas matérias relacionadas aos eixos temáticos. O programa reafirmou seu compromisso de construir, por meio da educação, um futuro mais justo, ético e solidário.

A jornada teve início no dia 4 de maio, com a capacitação dos professores da rede municipal de Vespasiano. Durante o evento, o vice-presidente da AMATRA3, Washington Timóteo T. Neto, ressaltou a importância do TJC para a formação cidadã. Os magistrados Paola Melo, coordenadora do programa na 3ª Região, e Ronaldo Brito conduziram palestras que inspiraram os educadores a trabalharem os temas propostos com criatividade e profundidade.

Em junho, o programa viveu mais um momento especial com a visita de alunos e professores às sedes da AMATRA3 e do TRT da 3ª Região. Na AMATRA3, os estudantes foram recebidos pela presidente da Associação, Anaximandra Abreu, e pelas magistradas Paola Melo e Luciana Carvalho. A vivência prática incluiu a observação de uma audiência virtual presidida pela juíza Luciana Carvalho, seguida de um diálogo aberto para sanar dúvidas e estimular reflexões.

Na sede do TRT3, os alunos visitaram o Centro de Memória, onde puderam aprender sobre a história e a relevância da Justiça do Trabalho. Em seguida, participaram de uma audiência simulada, desempenhando papéis processuais sob a orientação de magistrados. A experiência foi enriquecedora, despertando nos jovens o senso de responsabilidade e protagonismo juvenil.

A atuação dos magistrados foi um dos grandes destaques do programa. Essa participação aproximou a Justiça do Trabalho da sociedade, desmistificando o papel da magistratura e promovendo um diálogo franco e educativo com os jovens. Estar lado a lado com os estudantes, ouvindo suas ideias e dúvidas, reforçou o compromisso da Justiça do Trabalho em não apenas aplicar a lei, mas também contribuir para a formação cidadã e ética das novas gerações.

O ponto alto do programa foi a culminância, realizada em 20 de setembro, no Palácio das Artes de Vespasiano. Os estudantes apresentaram trabalhos em diversos formatos, como *podcasts*, peças teatrais, pinturas, danças, cordéis, poesias, músicas e até mesmo um *rap* com letra original criada pelos alunos. Os melhores projetos foram premiados, e os estudantes receberam cartões com crédito disponibilizados pela Belgo Arames como reconhecimento pelo talento e a dedicação.

Neste ano, o TJC consolidou-se como verdadeiro programa educacional, um convite à transformação, ao diálogo e à construção de pontes em direção à justiça social. Professores e estudantes abraçaram o desafio de se tornarem agentes de mudança, demonstrando o poder da educação em moldar cidadãos conscientes e engajados.

A AMATRA3 agradece a todos que fizeram parte desta jornada – educadores, alunos, parceiros e voluntários – e reafirma seu compromisso de seguir adiante, levando o TJC a cada vez mais corações e mentes em Minas Gerais.

TRT3/DIVULGAÇÃO



CLIQUE E ASSISTA O VÍDEO

# 23º EMAT

## QUALIDADE DE VIDA, FELICIDADE E LONGEVIDADE NA MAGISTRATURA TRABALHISTA

*Realizado em Búzios, o EMAT é uma importante oportunidade para reflexão sobre qualidade de vida, bem-estar e longevidade na carreira dos magistrados.*

AMATRA3/DIVULGAÇÃO



Entre os dias 29 de agosto e 1º de setembro, a AMATRA3 realizou o 23º Encontro dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 3ª Região (EMAT) em Búzios/RJ, reunindo magistrados, familiares e especialistas para refletir sobre a qualidade de vida, a felicidade e a longevidade na carreira.

Compuseram a mesa de honra, na cerimônia de abertura, Anaximandra Abreu, a presidente da Amatra3; a Desembargadora Presidente do TRT3, Denise Alves Horta e o vice-presidente da Anamatra, Valter Pugliesi.

Anaximandra Abreu destacou a importância do tema central do encontro: “Qualidade de vida, felicidade e longevidade são pilares para uma vida saudável, e considero salutar refletirmos sobre como equilibrá-los, especialmente considerando a atividade judicante”, afirmou.

“Cuidado, companheiro  
A vida é pra valer  
E não se engane não, tem uma só  
Duas mesmo que é bom ninguém vai me dizer que tem sem provar  
muito bem provado  
Com certidão passada em cartório do céu e assinado embaixo  
Deus, e com firma reconhecida.”

Vinicius de Moraes, no Samba da Benção.

Entre o samba de Vinicius de Moraes, que alerta para o cuidado com a qualidade de vida para fazer a vida valer a pena; a busca da felicidade por todos os lados e o “se dar conta” que ela está genuinamente em nós mesmos, como bem dito por Carlos Drummond; e o poder singelo do sorriso, captado de forma perspicaz por Mário Quintana, Anaximandra enfatizou que o alto nível de estresse na magistratura tem levado a problemas como depressão e ansiedade, agravados pelas metas de produtividade e pelo déficit de pessoal. Além disso, ressaltou a necessidade de estratégias que preservem o bem-estar físico, mental e social dos magistrados.

“Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade.”

Carlos Drummond de Andrade

## Programação

O evento começou com uma palestra de Bianca Vilela sobre “Saúde Integral: Uma Construção Diária”. A palestrante abordou práticas de autocuidado, destacando a importância de incorporar hábitos saudáveis para manter a saúde física e mental.

Outro ponto alto do EMAT foi o “Café com os Presidentes”, uma oportunidade de diálogo direto entre a presidente da AMATRA3, Anaximandra Abreu; a presidente do TRT3, Denise Alves Horta; o vice-presidente da Anamatra, Valter Pugliesi, e os associados. Durante o café, foram discutidos temas relevantes para a carreira e os desafios do judiciário trabalhista. A troca de experiências reforçou a importância da união entre os magistrados na busca por melhores condições de trabalho e na preservação da saúde física e mental.

AMATRA3/DIVULGAÇÃO



## União dos magistrados com foco na longevidade

Anaximandra ressaltou, ainda, a relevância de um ambiente de trabalho que respeite o equilíbrio entre vida profissional e pessoal, lembrando que “a saúde mental, frequentemente negligenciada, desempenha um papel crucial na longevidade. A prática regular de técnicas de gestão de estresse e a criação de um ambiente de trabalho saudável são essenciais para uma longevidade equilibrada”.

O encontro reforçou o papel da AMATRA3 em promover debates sobre a qualidade de vida dos magistrados e em buscar soluções que minimizem o impacto das pressões profissionais na saúde dos associados. “O 23º EMAT foi uma oportunidade para fortalecer os laços entre os magistrados, renovar o compromisso com o bem-estar e construir uma visão de futuro baseada em práticas saudáveis e preventivas”, finalizou a presidente.

“Nada custa, mas acrescenta muito.  
Enriquece os recebedores sem empobrecer os doadores.  
Dura apenas um segundo, mas muitas vezes a memória o guarda para sempre.  
Traz a felicidade ao lar.  
Alimenta a boa vontade entre as pessoas.  
É a senha dos amigos.  
Serve de incentivo para o desanimado, de alegria para o triste, de repouso para o fatigado.  
Contra o mau humor, é o maior antídoto da natureza.  
É o maior e melhor cartão de visitas.  
Acalma os nervos e estimula a circulação em todo o rosto.  
Promove harmonia em todo o nosso organismo.  
Enfim, dá brilho aos olhos e simpatia ao caráter.  
Então, SORRIA!...”

O Sorriso, Mário Quintana

“Todas as frases, trechos e poemas citados na matéria foram utilizados no discurso da presidente Anaximandra no discurso de abertura para engrandecer o evento e nossa riqueza cultural.”

AMATRA3/DIVULGAÇÃO





# NOTÍCIAS TRT

## TRT-MG realiza I Olimpíada da Linguagem Simples

O Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região (TRT-MG) realizou, em parceria com o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), a primeira edição da Olimpíada da Linguagem Simples, no dia 11 de novembro. A iniciativa busca promover maior clareza e acessibilidade na comunicação jurídica. O evento contou com a participação de servidores, magistrados, colaboradores, estagiários, estudantes de direito, professores de direito e advogados.

A AMATRA3 foi representada pela diretora de comunicação social, juíza Carolina Assunção, que compôs a mesa de honra juntamente com a presidente do TRT-MG, desembargadora Denise Alves Horta, pela juíza auxiliar da presidência do TJMG, Marcela Novais, e pela desembargadora Jaqueline Monteiro de Lima, a consultora em linguagem simples, jornalista e servidora da Câmara dos Deputados Federais, Patrícia Roedel, e a secretária de Governança e Estratégia do TRT-MG, Thaís da Costa Cruz.

Após a cerimônia de abertura, os 49 participantes foram divididos em 12 grupos multidisciplinares com até cinco membros, que, orientados por Patrícia Roedel, consultora em linguagem simples, receberam desafios para a produção dos trabalhos.

O evento reforçou o compromisso de o TRT fazer o Poder Judiciário se aproximar do cidadão comum por meio da linguagem simples e acessível a todos.

[Leia a matéria completa](#)

## Semana Nacional de Conciliação no TRT-MG

Entre os dias 4 e 8 de novembro, o Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região realizou a Semana Nacional de Conciliação, sob o lema “É Tempo de Conciliar”, com a expectativa de resolver o maior número de demandas trabalhistas durante os 5 dias de evento.

A abertura oficial ocorreu no dia 4 de novembro e contou com a participação da presidente da AMATRA3, juíza Anaximandra Abreu, representando a magistratura trabalhista. Para ela, “o simbolismo dessa semana é que todos estamos imbuídos de buscar a conciliação. Conciliar é o tempo todo, durante todo o ano, mas, durante essa semana, há um esforço maior de todo o Judiciário”.

[Leia a matéria completa](#)

## Natal Colorido: TRT-MG, AMATRA3 e Centro de Memória/Escola Judicial se unem para mais uma campanha com foco na solidariedade

O Comitê Regional do Programa de Combate ao Trabalho Infantil e Estímulo à Aprendizagem, com o apoio do Centro de Memória/Escola Judicial e da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 3ª Região (AMATRA3), realizou, pelo terceiro ano consecutivo, a campanha Natal Colorido.

O objetivo da campanha é arrecadar caixas de lápis de cor e livros de literatura para crianças matriculadas em escolas da rede pública situadas em áreas de vulnerabilidade social.

[Leia a matéria completa](#)



# NOTÍCIAS TRT

## Escola Judicial realiza a 7ª Semana Formativa de Magistrados

A Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região (TRT-MG) realizou a 7ª Semana Formativa de Magistrados, um evento dedicado ao aprimoramento da qualidade da prestação jurisdicional.

Aproximadamente 180 magistrados do TRT-MG participaram do evento, que foi realizado entre os dias 7 e 11 de outubro.

A solenidade de abertura ocorreu com a presença da presidente do TRT-MG, desembargadora Denise Alves Horta; o 2º vice-presidente e diretor da Escola Judicial, desembargador Emerson José Alves Lage; o juiz auxiliar da Presidência Renato de Paula Amado; o diretor acadêmico da Escola Judicial, juiz do trabalho Cléber Lúcio de Almeida, e a presidente da AMATRA3, juíza do trabalho Anaximandra Kátia Abreu Oliveira.

No dia 10, a 15ª edição do Sistema Integrado de Gestão Judiciária e de Participação da 1ª Instância na Administração de Justiça do TRT-3ª Região (Singespa) fez parte da programação da 7ª Semana Formativa de Magistrados e contou com o painel “Litigância predatória”, apresentado pelo vice-presidente da AMATRA3, Washington Neto, pelo juiz do trabalho e membro do Centro de Inteligência do TRT-RJ, Marcelo Ferreira; pelo juiz do TRT-MG, Lucas Camargo, e pela juíza titular do Tribunal de Justiça do Piauí, Mariana Machado.



[Leia a matéria completa](#)

## Mês da Criança: TRT-MG realiza campanha contra o trabalho infantil

No dia 1º de outubro, o Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região deu início às atividades do Mês da Criança com uma edição especial do Programa Justiça e Cidadania. O evento contou com a participação de 44 alunos da Escola Municipal Paulo Mendes Campos e promoveu ações educativas sobre os direitos das crianças e o combate ao trabalho infantil.

A presidente da AMATRA3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, marcou presença na cerimônia de abertura ao lado do 1º vice-presidente do TRT-MG, desembargador Sebastião Geraldo de Oliveira, e da juíza Renata Lopes Vale, gestora do Programa de Combate ao Trabalho Infantil. Durante o evento, foram realizadas atividades lúdicas, visitas à Exposição Trabalho e Cidadania e uma audiência simulada, que envolveu as crianças em um caso fictício de exploração doméstica.



[Leia a matéria completa](#)



# NOTÍCIAS TRT

## Curso de Formação Inicial de Novos Juízes

O TRT-MG iniciou, em 29 de julho, o Curso de Formação Inicial para os 30 juízes recém-empossados e 13 magistrados removidos de outras regionais. O curso possui módulos regionais e nacionais, reforçando o compromisso da magistratura com o aprimoramento contínuo.

A presidente da AMATRA3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, integrou a mesa formadora durante a abertura do curso, ao lado da presidente do TRT-MG, desembargadora Denise Alves Horta; do primeiro vice-presidente do TRT-MG, Sebastião Geraldo de Oliveira; do segundo vice-presidente do TRT-MG, Emerson José Alves Lage; da vice-ouvidora, Maria Cristina Diniz Caixeta; do juiz auxiliar da Presidência, Renato de Paula Amado; do juiz e coordenador da Escola Judicial, Cléber Lúcio de Almeida e do assessor-chefe da Corregedoria Regional, Amir Ferreira Júnior.

[Leia a matéria completa](#)

## AMATRA3, AMAT e OAB participam de reunião institucional no TRT-MG

No dia 17 de julho, a presidente da AMATRA3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, participou de uma reunião com a presidente do TRT-MG, desembargadora Denise Alves Horta, e o 1º vice-presidente, desembargador Sebastião Geraldo de Oliveira, com o presidente da OAB-MG, advogado Sérgio Leonardo Lopes, e com a presidente da AMAT, advogada Cássia Marize Hatem Guimarães.

Durante a reunião, foram discutidos temas de interesse comum às instituições representadas, reforçando o compromisso com o diálogo interinstitucional e a cooperação para o fortalecimento da Justiça do Trabalho.

[Leia a matéria completa](#)

## TRT-MG promove evento sobre a violência contra a mulher

No dia 12 de julho, o TRT-MG realizou o evento “Enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher”, destacando ações para prevenção e proteção de magistradas e servidoras.

Durante a abertura, a presidente da AMATRA3, juíza Anaximandra Kátia Abreu Oliveira, compôs a mesa ao lado da presidente do TRT-MG, desembargadora Denise Alves Horta, e enfatizou a importância de iniciativas que promovam a segurança e o combate à violência contra a mulher.

No evento, foram apresentados novos projetos do Tribunal, como o botão do pânico e o lançamento de uma cartilha de enfrentamento à violência. Além disso, o evento trouxe palestras sobre o tema e a apresentação do projeto “Enquanto Espero”, que apoia mulheres em situação de vulnerabilidade econômica por meio do artesanato.

[Leia a matéria completa](#)

# Ordem do mérito Judiciário

TRT3/DIVULGAÇÃO



## **Presidente do TRT-MG, Denise Horta, recebe Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho**

A desembargadora Dra. Denise Alves Horta, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, foi agraciada com a Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, na categoria Grande Oficial. A cerimônia ocorreu no dia 8 de agosto, na sede do Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília.

Esse reconhecimento, concedido desde a década de 1970 a personalidades e instituições de destaque, ressalta a importância do trabalho desenvolvido pela magistrada em prol da sociedade e da Justiça do Trabalho. A homenagem reflete o comprometimento da desembargadora Dra. Denise Alves Horta com a defesa dos direitos sociais e o fortalecimento da Justiça Trabalhista em Minas Gerais.

Essa merecida condecoração engrandece não apenas a magistratura mineira, mas também o papel da Justiça do Trabalho como pilar essencial na promoção da cidadania.

## **Juiz aposentado e ex-diretor de aposentados e pensionistas da AMATRA3 recebe Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho Desembargador Ari Rocha**

O juiz aposentado do TRT-MG Clodoveu Machado Filho foi agraciado com a Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho Desembargador Ari Rocha, no grau de Oficial. A homenagem foi outorgada em solenidade realizada no dia 26 de setembro de 2024, no Centro Cultural do TRT-MG, em Belo Horizonte.

Essa honraria, instituída para reconhecer aqueles que contribuem para o fortalecimento da Justiça do Trabalho, reflete o legado de compromisso de Clodoveu Machado Filho ao longo de sua trajetória na magistratura trabalhista.

Além de sua atuação como magistrado, Clodoveu Machado Filho integrou a AMATRA3, exercendo o cargo de Diretor dos Aposentados e Pensionistas no biênio 2009/2011. Sua contribuição foi fundamental para o fortalecimento da associação e para a defesa dos interesses dos magistrados aposentados.

A cerimônia, marcada por profunda emoção e reconhecimento, reforçou a importância do exemplo de vida dos homenageados para a comunidade jurídica e para as futuras gerações.

TRT3/DIVULGAÇÃO



# HOMENAGENS AOS APOSENTADOS

AMATRA3/DIVULGAÇÃO



Na noite da sexta-feira 13 de setembro, a sede da AMATRA3 foi palco de um evento memorável. Em uma atmosfera de celebração e reverência, magistradas e magistrados aposentados se reuniram para prestigiar o espetáculo “Tangos e Boleros – Grandes Clássicos e Suas Histórias”.

A apresentação emocionou os presentes, trazendo belas recordações e transportando-os em uma viagem no tempo, resgatando os momentos áureos do início do século XX, marcados pela poesia e a intensidade desses gêneros musicais.

Esse evento especial também foi uma oportunidade para homenagear novos aposentados, que, após anos de dedicação à magistratura, receberam o reconhecimento e a gratidão da AMATRA3.

Com muita alegria, foram celebrados os colegas Érica Martins Júdice, Paulo Roberto de Castro, Betzaida da Matta Machado Bersan, Leonardo Toledo de Resende e Elen Cristina Barbosa Senem Moraes. Cada um deles deixa um legado significativo para a Justiça do Trabalho e inspira as futuras gerações com sua trajetória exemplar.

A diretoria da AMATRA3 ficou grata com a presença de todos e reafirmou seu compromisso em valorizar os magistrados aposentados, promovendo momentos de acolhimento, reconhecimento e conagração.

Esse jantar não foi apenas uma celebração musical, mas também um testemunho dos laços de amizade e respeito que unem nossa categoria.

# HOMENAGEM PÓSTUMA

ARQUIVO PESSOAL



## **Gabriel de Freitas Mendes**

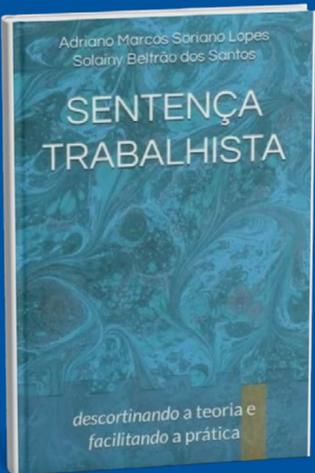
Juiz togado aposentado,  
ex-presidente do TRT3 - biênio 1997/1998  
Falecido em: 04/09/2024

Gabriel de Freitas Mendes foi nomeado Juiz Suplente da Junta de Conciliação e Julgamento de São João del-Rei em 1967, posteriormente nomeado a Juiz do Trabalho Substituto do TRT3, com posse e exercício na Junta de Conciliação e Julgamento de Barbacena em 16/05/1969. Foi promovido por merecimento para o cargo de Juiz do Trabalho Presidente de JCJ, tomou posse e exerceu na Junta de Conciliação e Julgamento de Governador Valadares em 23/12/1969. Posteriormente, foi removido para a JCJ de Barbacena, com posse e exercício em 26/10/1972, e para 6ª JCJ/BH, com posse e exercício em 10/09/1974. Foi promovido, por merecimento, para o cargo de Juiz Togado do Tribunal da 3ª Região, com exercício em 23/02/1984, na 3ª Turma.

Em seguida, foi eleito Presidente da 2ª Turma, para o biênio 1985/1987 e para o biênio 1987/1989. Posteriormente, foi eleito Vice-Presidente do TRT3, para completar o biênio 1989/1991 e, em seguida, eleito para o biênio 1991/1993. Foi eleito Juiz Vice-Corregedor do TRT3, para o biênio 1993/1995, e eleito Juiz-Corregedor do TRT, para completar o biênio 1993/1995. Posteriormente, foi eleito Juiz-Corregedor do TRT3, para o biênio 1995/1997 e eleito Juiz Presidente do TRT3, para o biênio 1997/1999. Aposentou-se em 05/12/2002, no cargo de Juiz Togado do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, por meio Decreto Presidencial de 04/12/2002.

# BATE-BOLA

**ADRIANO MARCO SORIANO LOPES  
E SOLAINY BELTRÃO DOS SANTOS**



**Livro: *Sentença Trabalhista - descortinando a teoria e facilitando a prática***

Ambos os autores são Juízes Substitutos do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região.



Adriano Lopes é Ex-Analista Judiciário do Tribunal Regional da 18ª Região, especialista em Ciências do Trabalho pela Faculdade Lions, autor de diversos artigos jurídicos. Já Solainy Santos foi Juíza do Trabalho Substituta do Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região, Ex-Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Pará e é Especialista em Inovações em Direito Civil e seus Instrumentos de Tutela pela Universidade Anhanguera e autora de diversos artigos jurídicos. Ambos são coautores também do livro “O direito fundamental autônomo à proteção dos dados pessoais: uma análise constitucional-trabalhista”.

## **Qual foi o momento em que o tema do livro despertou o interesse de vocês?**

A ideia para o tema do livro adveio da necessidade não somente de falar acerca da teoria sobre a sentença, mas também facilitar a prática para os operadores do direito, mormente candidatos ao concurso para ingresso na magistratura do trabalho. Percebemos, à época do nosso concurso, a ausência de obras próprias que abordassem o tema de forma prática, o que ficou mais evidente com a atuação jurisdicional. Isso nos moveu a produzir algo mais adequado ao cotidiano do juiz do trabalho.

## **Como se deu o processo de pesquisa? O livro é fruto de pesquisas de mestrado/doutorado?**

A sentença, como decisão do julgador acerca dos fatos apresentados no processo judicial, revela o sentir do juiz sobre a moldura delineada nos autos. A palavra, inclusive, é derivada do verbo *sentio/sentire* (sentir). Todavia, esse “sentir” não é subjetivo, ante o princípio da imparcialidade (art. 5º, XXXVII, da CF c/c arts. 139, I, 145 a 147 do CPC). Afinal, como há muito prorrompeu Platão: “o juiz não é nomeado para fazer favores com a justiça, mas para julgar segundo as leis”.

Embalados nesse pensar, buscamos alinhar a teoria jurídica com a prática forense com base na forma como entendíamos que deveria ocorrer a abordagem e o julgamento de determinadas matérias, sempre com respeito à técnica. O livro é fruto, portanto, da experiência relativa ao nosso “sentir” ao longo dos anos.



## **A atividade profissional influenciou a escolha do tema? Alguma situação particular, vivenciada no trabalho, fez com que despertasse nos autores motivação para a pesquisa?**

O julgamento do semelhante é algo inerente à natureza humana e, em um mundo hiperconectado em que tudo o que se faz, se produz ou se fala está, em fração de segundos, ao alcance de uma imensidão, muitas vezes, essa avaliação sobre o outro é feroz e inclemente. Todo mundo julga ou já foi julgado por uma atitude, uma fala, um gesto e quem faz o juízo acredita, convictamente, que correto é o seu ponto de vista.

Essa crença costuma se basear no engano das suas próprias opiniões. Todavia, julgar, ao contrário da necessidade, não é tarefa fácil e demanda técnica, bom senso, autarcia e coerência. Prolatar uma sentença após analisar uma demanda requer, além de conhecimento jurídico, ponderação, temperança e, principalmente, imparcialidade, de forma que as paixões do julgador não interfiram no julgamento do terceiro. Eis a cardeal diferença entre o julgar dos leigos e o julgar judicial.

## **O olhar de vocês sobre o tema alterou após a pesquisa para a confecção do livro?**

O aprofundamento na matéria nos ajudou a ajustar modelos e alguns padrões de julgamento. Ademais, nos permitiu sedimentar o ideário que a arte de sentenciar requer que se conheça o Direito e, conhecendo-o, aplique-se reiteradamente o conhecimento obtido em situações concretas.

## **Como vocês acreditam que a obra pode auxiliar os demais colegas na atividade jurisdicional?**

Acreditamos que tenhamos alinhado a teoria trabalhista com a prática jurisdicional de forma simples e de fácil compreensão ao se ofertar, na obra, como o descortinamento da teoria afeta a sentença trabalhista, demonstrando suas principais peculiaridades com uma análise aprofundada da arte de sentenciar para, em seguida, quando consolidados os pilares, arrematar e facilitar a prática de sentença, externando-se que, apesar de não ser uma missão fácil, não é impossível.

No livro, inclusive, abordamos essa questão ao rematar que prolatar uma boa sentença trabalhista não é diferente de um treinamento para se tornar um bom jogador de futebol. É necessário, primeiramente, conhecer a matriz do ato processual, entendê-la, raciocinar sobre ela, fazer um exercício de logicidade e coerência para, ao final, com o hábito, aplicar dito estudo aos casos concretos da forma mais adequada possível.

Dada a importância da temática, estamos, inclusive, atualizando a obra para uma segunda edição.

## **Contem um pouco sobre o livro, os temas dos capítulos, etc.**

Dividimos o livro em três capítulos. O primeiro capítulo abarca a teoria da sentença trabalhista, trazendo a definição de sentença, os princípios norteadores, a classificação legal, a classificação das sentenças de mérito, os requisitos essenciais da sentença com profícuo enfoque na fundamentação da decisão judicial.

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta a prática da sentença trabalhista



demonstrando o exercício lógico e congruente que deve ser feito pelo julgador ao elaborar a decisão, além de trazer autotextos basilares sobre diversas nuances da sentença trabalhista.

O terceiro capítulo traz a resolução da prova de sentença do I Concurso Nacional Unificado para ingresso na Carreira da Magistratura do Trabalho, no cargo de Juiz do Trabalho Substituto.

### **Como foi conciliar a pesquisa com a atividade profissional e familiar?**

A atividade judicante nos absorve diuturna e demasiadamente, mas havia a necessidade de produzir uma obra que fizesse o diferencial na temática e o fato de, como cônjuges, compartilharmos, além da família, a profissão tornou a tarefa hercúlea mais prazerosa.

**Os colegas contaram com algum auxílio de algum setor/colegas do tribunal para confeccionar a sua pesquisa? (Ex: biblioteca, algum setor informou dados para subsidiar a pesquisa, etc.)?**

Não, mas indubitavelmente a própria atuação profissional foi a maior fonte de pesquisa de onde emanaram as principais ideias para o conteúdo do livro.

### **Onde os colegas podem adquirir o livro?**

Atualmente, a primeira edição do livro encontra-se apenas em formato digital e pode ser obtida no *site* da [Amazon](https://www.amazon.com.br).

## **LANÇAMENTO DE LIVRO**

### **Publicação em homenagem ao professor e ministro José Roberto Freire Pimenta**



No dia 04/12/2024, foi lançado, na sede do Tribunal Superior do Trabalho, o livro “Acesso à Justiça no Âmbito Laboral”, uma homenagem ao professor e ministro José Roberto Freire Pimenta. Os dirigentes da AMATRA3 compareceram ao evento e prestigiaram o colega, que tem notória trajetória acadêmica.

Como bem destacado pela comissão organizadora da obra, “o Professor e Ministro José Roberto Freire Pimenta, ao longo de sua notável carreira, consolidou-se como um expoente em matéria de Direito e Processo do Trabalho, combinando rigor acadêmico, pensamento inovador e um compromisso inabalável com os valores éticos, humanos e sociais. Sua dedicação à formação de novas gerações de profissionais e pesquisadores, aliada à sua produção intelectual de excelência, deixou um legado que transcende os limites das disciplinas que abraçou e dos feitos profissionais que vem construindo”.

Participaram como articulistas os associados Adriana Campos de Souza Freire Pimenta, Adriana Goulart de Sena Orsini, Bruno Alves Rodrigues, Luiz Otávio Linhares Renault e Mauricio Godinho Delgado.

# EU INDICO TURISMO



Por **Wallace Heleno Miranda de Alvarenga**,  
Juiz Substituto do TRT3

## MARROCOS

*Uma aventura de seis dias intensos e aproveitados ao máximo para explorar e conhecer a cultura, os costumes e as belezas marroquinas*

ARQUIVO PESSOAL

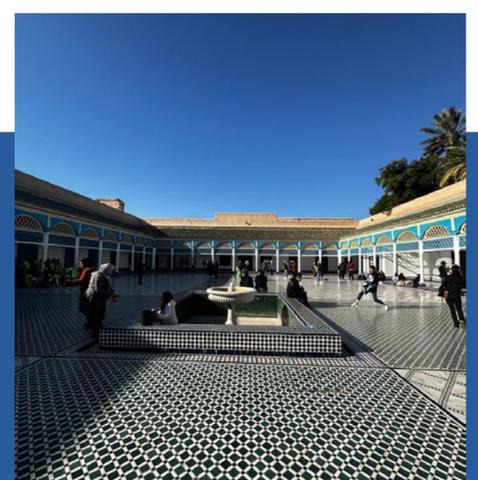


Sempre fui apaixonado por viajar e conhecer novos lugares e pessoas, o que reduzi drasticamente nos anos dedicados aos estudos para a magistratura. Alcançada essa meta, e após o período da pandemia, retomei as viagens e todos os meus períodos de férias são preenchidos com idas a lugares ainda não conhecidos.

E um dos recentes destinos foi o Marrocos, o primeiro país que visitei no continente africano, que se revelou um mosaico de cultura, sabores, tradições e história. Foram 6 dias apenas, mas aproveitados com a máxima intensidade para explorar e conhecer o que era possível.

A chegada a Marrakech já chamou a atenção pela beleza da fachada de seu aeroporto (uma das mais bonitas que já vi). Após um rápido percurso, cheguei ao Riad (hotel) localizado no interior da Medina (cidade antiga), onde a recepção com o tradicional chá marroquino antecede o próprio *check-in*. Preferiria uma cerveja, mas o seu comércio é proibido no interior da Medina.

Uma breve caminhada a pé, passando por pequenas vielas labirínticas preenchidas por inúmeras lojas que vendem desde especiarias das mais variadas aos famosos tapetes e lenços coloridos, fui absorvido pelo ar efervescente, barulhento e aparentemente bagunçado da praça principal da Medina, a famosa Jemaa El Fna. Em um primeiro momento, causa certo espanto, mas logo você se acostuma com o ambiente repleto de nativos e turistas que estão ali para apreciar as danças e as músicas típicas, barracas com diferentes comidas e sucos de frutas locais. Até mesmo tirar fotos com macacos adestrados e vestidos com roupas de humanos, ou se surpreender com os encantadores de cobras, coisa que antes só tinha visto pela televisão.



ARQUIVO PESSOAL



Ao largo da praça está a imponente Mesquita Koutoubia, com sua torre de 77 metros, cuja entrada é permitida apenas para muçulmanos, mas estava fechada devido às obras de restauração após o recente terremoto que havia ocorrido na cidade. Inclusive, sinais do trágico evento ainda eram vistos em várias partes.

De forma a explorar os arredores, inicialmente fiz um *city tour* a pé com um guia local e foi uma verdadeira imersão na cultura marroquina. Visitei o imponente Palácio da Bahia (que, em árabe, significa brilho), construído no final do século 19 para ser um harém de Ahmed ben Musa, que tinha 4 esposas e 24 concubinas. O palácio tem vários jardins e um pátio central com diversas tonalidades de cores. Na sequência, andei por grande parte da Medina, apreciando a arquitetura das construções, as mesquitas (uma em cada rua), os belíssimos pórticos da cidade antiga, as lojas com suas centenas de temperos e o famoso óleo de argan, praças e jardins bem conservados e, ainda, experimentei o khobz (pão feito em fornos comunitários) nas adjacências do Palácio do Rei Mohammed VI.

O passeio finalizou na praça principal da Medina, bem na hora do “Sallah Dhur”, a prece do meio-dia, uma das 5 orações diárias obrigatórias do islamismo, durante as quais as atividades pulsantes da praça cessam por um instante e apenas se ouve a oração, que ecoa dos alto-falantes das

mesquitas. A religiosidade dos muçulmanos e o respeito pela liturgia do islã foram algo que me chamou muito a atenção.

Além do *city tour* inicial, fiz outros passeios turísticos, como assistir ao pôr do sol no deserto de Agafay, onde tive a primeira experiência, nada agradável, de andar de camelo. Visitei Setti Fadma, uma pequena cidade e comuna rural, onde conheci um pouco sobre a cultura berbere, escalei uma parte da montanha até chegar a uma cachoeira e desfrutei de um almoço típico à beira de um lago, sentado em almofadas, assim como os nativos.

Por falar nisso, a gastronomia do Marrocos é bem diferente da brasileira. Experimentei alguns pratos típicos, como o couscous (nada parecido com o nosso nordestino “cuscuz”), msemen (pão estaladiço), a harira (sopa à base de tomate, grão-de-bico, massa e arroz) e tajines (prato feito em travessa de barro e que vai ao forno) de frango e cordeiro. Mas o que mais me chamou atenção foi o tempero bem acentuado, que inseria um sabor distinto aos pratos.



E como ir ao Marrocos e não visitar o deserto do Saara? Para isso, saí bem cedo de Marrakech, aventurando-me na garupa de uma motocicleta pelas vielas da Medina até chegar ao ônibus que me levaria para aquela aventura.

No caminho do deserto, fiz várias paradas para conhecer alguns locais, mas o mais impressionante foi Ait Ben Haddou, localizado em Ouarzazate, que é Patrimônio Mundial da Unesco. Trata-se de uma cidade fortificada situada em uma colina da região do Alto Atlas, a cordilheira de montanhas que atravessa o norte da África e que já serviu de cenário para vários filmes, como Lawrence da Árabia, Gladiador, A Múmia, Indiana Jones, Alexandre e Game of Thrones.



Após pernoitar, prossegui com a jornada até chegar à entrada do Saara marroquino, já quase na fronteira com a Argélia. Alguns minutos de caminhada pelo deserto, novamente em um camelo, antes de chegar à tenda berbere onde passaria a noite, pude desfrutar de mais um magnífico pôr do sol, que cintilava ao longe naquela imensidão de areia de cor laranja. Realmente impactante!

Como é típico no deserto, durante o dia, um forte calor, mas a temperatura cai absurdamente quando anoitece, o que foi apenas um dos perrengues comuns de toda a viagem e não anulou a experiência única que tive. No dia seguinte, regressei para Marrakech em um trajeto de 12 horas de carro, embarquei em um trem para Casablanca, cidade em que pernoitei, e, no outro dia, me despedi desse país tão surpreendente.

Essa foi realmente uma das viagens mais interessantes que já fiz em todos esses anos. O Marrocos foi uma grata surpresa, apesar de ser culturalmente bem diferente do



Brasil, mas que a ele se assemelha na receptividade e na alegria de seu povo. Leverei comigo boas lembranças, como obrigatoriamente ter que negociar com os vendedores, o que é uma tradição no país, e ainda a curiosa descoberta que fiz durante a viagem de que tenho fisionomia de marroquino, pois inúmeras vezes os locais me abordavam e se espantavam por eu não falar árabe e dizer que era brasileiro. Talvez seja um sinal para um retorno! Quem sabe?

# INFORMATIZE-SE



**Fabiano de Abreu Pfeilsticker**  
Juiz Titular do TRT3

***“Tudo que ele tinha era uma foto desbotada, recortada de revista especializada em vida de artista.”***



Zé Ramalho ainda era soldado quando tinha “fotografias recortadas em jornais de folha...amiúde”. Hoje ninguém tem fotografias impressas, para infelicidade da Kodak e da saudosa Lojas Retes.

A bem da verdade, hoje não temos mais Garmin, CD, DVD, livros, filmadora, agenda, *walkman*. Nem carteira a gente carrega mais. Está tudo nesse pequeno retângulo mágico que chamamos de celular. Inclusive nossa câmera e nossas fotografias... Inúmeras fotografias...

Hoje tiramos tantas fotos que, em uma semana, meu filho de 2 anos tem mais imagens registradas do que as minhas fotos dos 0 aos 25 anos!

O problema é que o espaço de armazenamento do celular é limitado e, mais cedo ou mais tarde, você vai receber a triste informação de que não cabe mais nada!

E as fotos e os vídeos são talvez os maiores “vilões” desse problema, já que as resoluções estão cada vez maiores e, com isso, mais espaço ocupam.

Antes de pensar em comprar outro celular e guardar o antigo apenas como um HD de fotos e vídeos, vamos ver uma solução mais inteligente.



**“ Hoje tiramos tantas fotos que, em uma semana, meu filho de 2 anos tem mais imagens registradas do que as minhas fotos dos 0 aos 25 anos! ”**

Primeiro passo, baixe o aplicativo Google Fotos.

Depois você vai habilitar o *backup* automático, clicando no ícone do bonequinho (ou da foto), no canto superior direito, e, depois, em “backup”. Escolha a opção de backup automático.

Quando o *backup* estiver concluído, clique de novo no bonequinho (ou na foto), no canto superior direito, depois em “Backup Concluído” e, então, escolha a opção “Liberar espaço no dispositivo”.

Você vai apagar todas as fotos do celular, mas elas estarão guardadas no Google Fotos e você pode acessar a qualquer momento pelo aplicativo instalado no seu celular ou mesmo no computador.

Uma vez que todas as fotos estejam no Google Fotos, uma boa estratégia é “favoritar” aquelas de que você mais gosta, clicando na estrelinha que aparece em cada uma.

Em tempos de Instagram, não é raro que tiremos 35 fotos da mesma cena, para aproveitar apenas uma, justamente a “favorita”. Isso tende a ser exponencialmente maior, quando a foto do Instagram envolve um grupo, porque não basta você estar bem na foto, é preciso que todos estejam bem! E a gente sabe que, quando são fotos em grupo, cada um analisa dando um zoom na sua própria imagem para dizer se a foto ficou boa, mesmo que o resto esteja de olho fechado, arrumando o cabelo ou olhando para baixo.

Essas fotos favoritas podem ser facilmente localizadas na coleção “Favoritas” no Google Fotos.

Se você quiser ainda mais garantia, abra o álbum dos favoritos, selecione a foto mais recente e desça o cursor até a última foto. Clique em *shift* e, mantendo essa tecla pressionada, selecione a última foto. Pronto, todas as fotos favoritas estarão selecionadas. Agora clique nos 3 pontinhos no canto superior direito e depois em baixar todas. Basta, então, transferir essas fotos para um *pen-drive* ou HD externo.

Assim, você manterá seu celular vazio, as fotos devidamente guardadas e as favoritas duplamente protegidas, além, obviamente, de “ficar bem na foto”!

Um beijo no coração de todos!  
É isso aí.

Fabiano Pfeilsticker



# Fala, associado!

## MAR VERMELHO



**Por Henrique Macedo**  
Juiz Substituto do TRT3

Edwiges descia pela rua direita com ares de quem não tinha mais nada a perder. Padecia da exaustão de uma vida feita somente de rabiscos de um lápis cinzento. Ressentia-se da falta de cor, decerto porque não divisava mais propósito nas suas quatro paredes mal pintadas de um bege-musgo que se desfolhavam em falta de asseio, de tempo e de dinheiro. Ela queria tingir a própria existência de vermelho e mergulhar na euforia dos filmes de Almodóvar, como se a sua história pudesse ser mais interessante do que dois goles de café pela manhã, mãos presas no corrimão do ônibus e barriga estancada no caixa do supermercado. “Bom dia, senhora! Encontrou tudo o que precisava?”

Ao fim da rua, viu a mulher loira carregando a maleta. Tão gorda, tão cheia de si, dos outros e do dinheiro que não era seu. A mulher era a dona de todas as cabeças de porco da cidade e aparecia uma vez por mês para cobrar quem era de pagar e matar quem devia. Ninguém sabia onde ela morava, mas muitos afirmavam que era numa casa podre feita de anzol e linha de pesca, que ela nascera numa ilha muito distante e que seu pai tinha sido um caçador de baleias. Afirmavam que ela tinha os cabelos trançados em ouro feito dos ossos dos inadimplentes. Também havia a conversa de que o ouro procedia dos dentes arrancados dos inquilinos que atrasavam o aluguel, o que Edwiges achava muito inverossímil. Seus vizinhos tinham podridão na boca e a miséria começava ali, no que não se comia, no que se calava, no hálito azedo de quem perdera os dentes no oceano da fome.

A mulher loira era uma sereia obesa que fazia os incautos se perderem no som da sua voz até sepultá-los naquelas casas velhas e fedidas. Tornavam-se todos prisioneiros de ratos e baratas que habitavam ali há séculos e tinham que dormir sob o zunido de insetos gigantes, sempre impregnados do cheiro da merda que escorria do outro lado da porta. Eram vigiados por sentinelas de dentes afiados que mantinham em correntes e grilhões aquelas criaturas esqueléticas com suas crianças desnutridas e de olhos vazios e estáticos.

A sereia não se perturbou ao ver Edwiges atravessar a rua. Lembrava-se bem daquela cara ossuda com dois olhos esbugalhados. Era a menina raivosa que pedira mais prazo para o aluguel porque a mãe estava doente e os remédios eram caros demais. Fora clemente ao agradecer a jovem com mais cinco dias para o pagamento. Deu-lhe ainda um conselho: que ela se esgueirasse pela rua e arrancasse uns trocados de algum bêbado cretino, afinal, de corpo não era tão feia, embora muito magra. Talvez em um par de dias conseguisse o dinheiro se não fosse de frescuras e recatos.



Edwiges empunhava uma faca na mão. Uma peixeira. Ela partiria ao meio a sereia e o chão se abriria num mar de rubis. Quem sabe assim conseguiria também fazer em pedaços o feitiço e todos os moradores do cortiço se uniriam em revolta. Depois, com a maleta em mãos, ela correria até sua casa e finalmente poderia ver a tela de televisão em preto e branco choviscar em muitas cores e estender roupas no varal em vez de trapos.

Mas Edwiges apenas se ajoelhou e pediu mais dois dias de prazo: sua carne era barata demais e a concorrência muito alta. Entregou à mulher loira a peixeira e disse que era lembrança do avô que veio de longe, há muitos anos, e só encontrou tristeza e miséria neste mundo. A mulher loira puxou-a pelos cabelos e pediu que ela abrisse a boca. Ela escrutinou os dentes da jovem e concluiu que eram afiados o bastante. Agarrou sua mão e examinou as unhas. De bicho. De fera. E tinha raiva nos olhos da moça. E tinha medo. E tinha dor. A mulher loira então decretou: “Você vai trabalhar para mim”. Edwiges chorou agradecida porque vender a alma era melhor do que vender o corpo, mas não deixou de pensar que um dia haveria de se permitir afogar na imensidão do oceano de suas próprias lágrimas. Era o que a vida destinava para gente como ela.



# ALÉM DOS AUTOS

## André Schmidt de Brito

Desembargador

*Para o Desembargador André Schmidt, a pescaria é um momento de convívio com os amigos, com a natureza e uma verdadeira terapia que o ajuda a fugir um pouco da tensão profissional do dia a dia.*

Confesso que, na primeira vez que fui convidado para uma pescaria, no Velho Chico, por amigos do Colégio Loyola, fiquei com preguiça, pois achava que não aguentaria ficar parado num barco. Na verdade, o que realmente me atraiu foi o isopor cheio de cervejas.

Contudo, com o passar dos anos, percebi o quanto eram e são importantes esses momentos. A pesca é uma atividade que vai muito além de simplesmente capturar peixes (e soltar). É um momento de convívio com os amigos e, principalmente, com a natureza, uma verdadeira terapia que, ao longo do tempo, tem me ajudado a fugir um pouco da tensão profissional do dia a dia.

Mesmo aqueles que, como eu, são apaixonados pelo que fazem, merecem e necessitam desse relaxamento, quando desconectamos dos problemas deste mundo agitado e nos conectamos com o ambiente ao nosso redor. A tranquilidade do local, seja em um rio ou lago, nos permite desacelerar e apreciar a beleza da natureza. O som da água, a sinfonia dos pássaros e a brisa suave nos envolvem, criando uma atmosfera de paz e serenidade.

Além disso, essa atividade requer concentração e paciência. É necessário estudar o comportamento dos peixes, escolher a isca adequada e esperar pelo momento certo para fisgar. Essa espera nos ensina a ter calma, a lidar com a ansiedade e a desenvolver a paciência. A pesca nos ensina que nem tudo acontece no nosso tempo e que é preciso esperar o momento certo para colher os frutos.

E, para completar, hoje, ainda tenho como parceiro de pesca o meu melhor amigo, meu filho João Pedro.

Sou realmente um privilegiado!

ARQUIVO PESSOAL



# GALERIA



## Happy Hour - Novos Juízes



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## 23º EMAT, Búzios/RJ



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## Jantar dos Aposentados



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## Festa das Crianças



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## Festa de Final de Ano



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## Festa de Final de Ano



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## Festa de Final de Ano



CLIQUE E ACESSE  
A GALERIA COMPLETA

# GALERIA



## Você se lembra?



Feliz  
**Ano  
NOVO**

**2025**

A Amatra3 deseja um Feliz Natal e um ótimo Ano Novo para todas nossas associadas e associados.